



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

RUY JOSÉ BRAGA DUARTE

**O BASQUETE DE RUA COMO MANIFESTAÇÃO DA CULTURA
CORPORAL NA CIDADE DE SALVADOR**

**Salvador
2010**

RUY JOSÉ BRAGA DUARTE

**O BASQUETE DE RUA COMO MANIFESTAÇÃO DA CULTURA
CORPORAL NA CIDADE DE SALVADOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rodolpho Jungers Abib

Salvador
2010

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Duarte, Ruy José Braga.

O basquete de rua como manifestação da cultura corporal na cidade de Salvador / Ruy José Braga Duarte. – 2010.

94 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rodolpho Jungers Abib.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2010.

1. Basquete de rua. 2. Basquetebol. 3. Educação. 4. Cultura. 5. Hip hop (Cultura popular). 6. Linguagem corporal. I. Abib, Pedro Rodolpho Jungers. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 796.323 – 22. ed.

RUY JOSÉ BRAGA DUARTE

**O BASQUETE DE RUA COMO MANIFESTAÇÃO DA CULTURA
CORPORAL NA CIDADE DE SALVADOR**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação,
Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Salvador, 13 de Dezembro de 2010.

Banca Examinadora

PEDRO RODOLPHO JUNGERS ABIB – ORIENTADOR _____

Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas
Universidade Federal da Bahia.

AUGUSTO CESAR RIOS LEIRO _____

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Brasil
Universidade Federal da Bahia.

LUÍS VÍTOR CASTRO JÚNIOR _____

Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Universidade Estadual de Feira de Santana

A

Elza Braga e Arnaldo Duarte, (in memoriam), meus queridos pais que me ensinaram o que é ser cidadão de bem.

Tainá Braga, minha filha querida, por ter compreendido as minhas ausências, o valor e a importância dos estudos.

AGRADECIMENTOS

A Minha família pela compreensão e apoio durante todo o percurso de aprendizagem.

A Pedro Rodolpho Jungers Abib, orientador competente, atencioso.

Ao Grupo Mel, em especial o professor Cesar Leiro, por ter me acolhido nessa tarefa de crescimento e produção do conhecimento.

Aos professores, colegas e amigos da Pós – Graduação pelo carinho, apoio, amizade, pelos grandes momentos de discussões e debates enriquecedores.

A Wellington Silva, Claudio Lira, Celi Taffarel, William Lordello, e muitos outros que ajudaram a superar todas as barreiras da relação trabalho / estudo.

A todos os grupos, tribos e simpatizantes do Basquete de Rua que entrevistei durante esse processo, pela confiança em prestarem seus depoimentos.

Muito obrigado por terem contribuído para o cumprimento de mais uma etapa enriquecedora e possibilitado o salto de qualidade para o meu crescimento como ser humano e profissional.

BRAGA DUARTE, Ruy José. O Basquete De Rua como manifestação da cultura corporal na cidade de Salvador. 92 f. II. 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

RESUMO

A pesquisa trata sobre o Basquete de Rua, porém para entendermos uma manifestação tão complexa culturalmente se faz necessário apontar para a cultura, seu conceito e sua possibilidade de transformação da sociedade. Por conta de tantas problemáticas que o povo de Salvador enfrenta em particular a população afro-descendente, temos como objetivo principal identificar e analisar a realidade e as contradições do Basquete de Rua como manifestação da cultura corporal da população afro-descendente jovem da cidade de Salvador, buscando encontrar elementos variados para a consolidação da cultura da juventude. A disciplina Educação Física traz o basquete como umas das suas manifestações da cultura corporal que sofre modificações significativas por quem pratica e se relaciona com ela de forma lúdica. O Basquete foi reinventado pela sociedade americana, principalmente os negros, que ao longo dos anos vem interferindo nas suas normas e formas de jogar, sendo chamado de *streetball*, ou seja, basquete de rua. O basquete de rua vem aos poucos se constituindo em tempo e espaço como referência para a população afro-descendente, por conta disso, tentando corroborar com as relações desse fenômeno esportivo para o afro-descendente colaborando com a inserção do negro na sociedade, pensamos na ação esportiva, que é um dos veículos de formação crítica do conceito de cidadania na busca da emancipação humana. Além de ter uma linguagem própria, tem seus significados e significações, é uma mistura de música e esporte, jogo e brincadeira transformando e produzindo novos modelos e estilos de vida. Por isso, perguntamos: Qual a realidade, contradições e possibilidades superadoras que o Basquete de Rua como prática cultural oferece para a cidade de Salvador? O universo da pesquisa é a cidade de Salvador e a amostra que estamos utilizando é o Largo do Papagaio na cidade baixa e o Jardim dos Namorados na Orla marítima de Salvador. Para isso, realizamos uma pesquisa qualitativa onde utilizamos os seguintes procedimentos metodológicos: a) Levantamento bibliográfico nos bancos de teses e literatura sobre a temática; b) realizamos observações (fotos, vídeos, anotações), entrevistas; c) levantamos os dados, sistematizamos e analisamos as categorias encontradas; d) dialogamos com a literatura sobre a temática.

Palavras – chave – Basquete de Rua, Cultura, Cultura Corporal, Educação e Emancipação Humana.

BRAGA DUARTE, Ruy José. The Street Basketball and body culture in the city of Salvador. (Bahia, Brazil). 92 f. Il. 2010. Master Dissertation – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

ABSTRACT

The research deals with the Street Basketball, but to understand a very complex cultural expression is needed to point to the culture, its concept and possibility of transforming society. Because of many problems that face the people of Salvador in particular the people african descent, our main goal to identify and analyze the realities and contradictions of Street Basketball as body culture of african descent young population of Salvador , searching to find various elements for the consolidation of youth culture. The Physical Education brings basketball as one of the manifestations of body culture that undergo significant changes by those who practice and relates it in a playful manner. The basketball has been reinvented into American society, mainly blacks, who over the years has been interfering in its rules and ways to play, being called streetball, ie, street basketball. The street basketball is slowly transforming themselves in time and space as the population reference african descent, because of that, trying to corroborate the relationships of this phenomenon of sports for african descent collaborating with the inclusion of blacks in society, we think of action sports, which is one of the vehicles critical background of the concept of citizenship in the pursuit of human emancipation. Besides having its own language, have their meanings and meanings, is a mix of music and sport, play and play changing and producing new models and lifestyles. Therefore, we ask: What are the realities, contradictions and chances to overcome the Street Basketball as a cultural offering to the city of Salvador? The research is the city of Salvador and the sample that we use is the Square in downtown of Parrot and Garden Valentine's Waterfront in Salvador. For this, we conducted a qualitative study where we use the following instruments: a) A literature review on the banks of theses and literature on the subject, b), we made observations (photos, videos, notes), interviews, c) got data, systematize and we analyze the categories found d) engage in dialogue with the literature on the topic.

Keywords - Street Basketball, Culture, Body Culture, Education and Human Emancipation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Número de teses e dissertações sobre o basquetebol e o basquete de rua -----	14
Figura 1 – Jogada de Basquete de Rua -----	45
Figura 2 – Quadra de Basquete de Rua -----	53
Figura 3 – Jogada de Basquete de Rua – Enterrada -----	54
Figura 4 – Game de Basquete de Rua -----	56
Foto 1 – Poste sem iluminação -----	62
Foto 2 – Tabela de Basquete de Rua Jogos - da Periferia -----	75
Foto 3 – Premiação jogos da periferia -----	75
Foto 4 – A diversidade de gênero no jogo -----	84
Foto 5 - Equipe CBX sendo premiada -----	87

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBX	Cidade Baixa
COI	Comitê Olímpico Internacional
CUFA	Central Única das Favelas
DJ	Disc Jockey
FACED	Faculdade de Educação
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LEPEL	Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física & Esporte e Lazer
LIBBRA	Liga Brasileira de Basquete de Rua
LIIBRA	Liga Internacional de Basquete de Rua
LUB	Liga Urbana de Basquete
MC	Mestre de Cerimônia
MEL	Mídia Esporte e Lazer
MinC	Ministério da Cultura
MOHHB	Movimento Hip-Hop Organizado do Brasil
MV	Mensageiro da Verdade
NBA	National Basketball Association
NBB	Novo Basquete Brasil
NUTESES	Núcleo Brasileiro de Dissertações e Teses em Educação, Educação Física e Educação Especial
ONG	Organização Não Governamental
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
SCC	Secretaria da Cidadania Cultural
SEBAR	Seletivas Estaduais de Basquete de Rua
SESI	Serviço Social da Indústria
SID	Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural
UFBA	Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO -----	12
2	CULTURA -----	18
2.1	CULTURA, O QUE É MESMO ISSO? -----	18
2.2	CULTURA CORPORAL E IDENTIDADE -----	26
2.3	TRIBOS URBANAS -----	30
2.3.1	As tribos e as relações sociais -----	33
2.3.2	A educação não formal e as tribos -----	34
2.3.3	A sala de aula e a rua – espaços de conhecimento -----	40
3	BASQUETE DE RUA -----	45
3.1	O BASQUETE DE RUA E A MANIFESTAÇÃO DO HIP-HOP-----	47
3.1.1	O <i>Hip Hop</i> -----	49
3.2	O BASQUETE DE RUA NO BRASIL -----	52
3.3	O BASQUETE DE RUA EM SALVADOR: UMA PRÁTICA DE LAZER -----	58
4	A EXPERIÊNCIA -----	64
4.1	A METODOLOGIA EMPREGADA E A CATEGORIA CONTRADIÇÃO COMO PANO DE FUNDO -----	65
4.2	DESCREVENDO OS DADOS DA REALIDADE -----	69
4.3	ANALISANDO OS DADOS DA REALIDADE -----	74
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	82
	REFERÊNCIAS -----	89

1 - INTRODUÇÃO

Ao longo de uma trajetória cheia de vivências variadas no campo da Cultura, da Educação e em especial da Educação Física, foi no chão da escola pública do Estado da Bahia, em Mussurunga I, um bairro da periferia da cidade do Salvador, onde está situada a Escola Técnica Estadual Newton Sucupira que se iniciou a possibilidade de avançar no campo da educação para os filhos da classe trabalhadora que vive na periferia de Salvador – Bahia.

A construção desta pesquisa se deu em um momento histórico para mim como pesquisador muito particular, por além de entender a importância da formação continuada para o trabalhador em educação, permanecendo comprometido com a escola pública, dirigindo uma instituição de ensino médio integrado, o esforço foi grande para concluir mais uma etapa, carregada de limites e contradições.

Nesse processo busquei entender como se desenvolve as relações entre as pessoas em um sistema onde a premissa é vencer a qualquer custo, ser o melhor, estar em evidência, obter lucro mesmo que seja de maneira ilícita, excluir o outro para que possa situar-se, entre outras tantas truculências que vemos na vida cotidiana. Presenciei vários momentos de conforto e desconforto, alegrias e tristezas nas relações com comunidades carentes de afeto, educação, saúde, segurança, lazer, entre outros agravamentos sociais, que são superadas no seio da comunidade, dentro das possibilidades que estão postas.

Cada ponto colocado acima possibilitou um crescimento como homem e como educador, pois, o que vimos durante esse período de vivências múltiplas garantiu que os olhares para o mundo fossem pouco a pouco se modificando e sendo mais criterioso, ao passo que, tudo que estava ao redor conspirava para uma análise mais profunda e acadêmica dos fatos. Sendo assim, como professor de educação física que sou, e um sujeito relacionado com a cultura, mais precisamente a música, encontrei no Basquete de Rua uma possibilidade de pesquisar o esporte e a cultura dentro de uma lógica social.

Durante esse percurso e me relacionando com o esporte de rua - skate, ciclismo, bicicross, entre outros -, que o interesse pelo estudo e pesquisa sobre o esporte foi se fortalecendo, até porque, o processo em que a educação física na época – 1991 - se encontrava era de sistematização do conhecimento com hegemonia da saúde, ao mesmo tempo em que os movimentos de rua cresciam, a exemplo do grafite. As discussões nos encontros da área eram acirradas e ricas, o que contribuiu para o meu avanço e crescimento como educador, pois uma das possibilidades de desenvolvimento do esporte educacional, (Tubino, 2001), ou seja, um

esporte para além do rendimento é a escola, o principal local de socialização do conhecimento para a juventude.

Essa ligação com o esporte de rua me mostrou um caminho possível de pesquisar elementos da cultura corporal, a fim de evidenciar outras práticas esportivas que pudessem superar as práticas tradicionais. Vale aqui destacar a experiência importante com o Programa Segundo Tempo¹, atuando como professor coordenador de núcleo. Os avanços foram sucessivos, ao mesmo tempo em que fui me aproximando mais das atividades recriadas e reinventadas fora do espaço escolar. O Basquete de Rua é uma dessas atividades, que por sua dinâmica e improvisação, relação com a música e a dança, ao mesmo tempo dando oportunidade para que qualquer pessoa participe e, ou jogue, foi o que me levou a pesquisar essa manifestação. Porém, dentro deste processo a aproximação com a academia reacendeu a chama da formação continuada, com participação em cursos, simpósios e encontros. A partir daí os laços com a FAGED/UFBA foram se estreitando, em particular com dois grupos de pesquisa: o grupo LEPOL e o grupo MEL, este último, me inseriu no programa de Pós Graduação da Universidade Federal da Bahia.

A Educação Física é uma disciplina do ensino básico e uma das suas manifestações da cultura corporal é o basquete. Dentro desse contexto, compreendemos que algumas manifestações esportivas vêm sofrendo modificações significativas por quem pratica e por quem se relaciona com ela de forma lúdica.

Assim, iniciamos buscar dados que oferecessem consistência ao trabalho. A pesquisa trata sobre o Basquete de Rua, porém para entendermos uma manifestação tão complexa culturalmente se faz necessário apontar para a cultura, seu conceito e sua possibilidade de transformação da sociedade.

O Basquete de Rua que foi criado nos guetos nova-iorquinos, onde predominantemente a sua população é de afro-americanos, vem aos poucos se constituindo em tempo e espaço como referência para a população afro-descendente, também no Brasil. Em espaço por conta da relação lugar/local e o ambiente onde se configura a prática do Basquete de Rua, pois para Certeau (1994, p. 201), “um lugar é uma configuração instantânea de posições”. O espaço nos remete ao pensamento de área livre. Assim, podemos

¹ O Governo Federal, através do Ministério do Esporte, Secretaria Nacional de Esporte Educacional oferece esporte e lazer para crianças, adolescentes e jovens, garantiu um estudo de especialização em esporte escolar pela UNB (Universidade de Brasília). O Segundo Tempo, foi criado em 2003 e em 2008 foram implantadas mudanças na sua filosofia. “É um Programa Estratégico do governo federal que tem por objetivo democratizar o acesso à prática e à cultura do Esporte de forma a promover o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens, como fator de formação da cidadania e melhoria da qualidade de vida, prioritariamente em áreas de vulnerabilidade social”. (Oliveira e Perim, 2009, p.8)

compreender que o espaço onde o Basquete de Rua se constitui é uma área livre na rua, ou seja, um espaço urbano onde em sua ampla maioria está abandonado e sem organização feita pelo Estado, principalmente. Vale salientar, que o espaço ao qual estamos nos referindo é o público, em especial o da periferia das grandes cidades. Ainda com Certeau, (1994) “o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por urbanismo e transformada em espaço pelos pedestres”. (p. 202). O tempo na construção do Basquete de Rua, em particular para o afro-descendente, é direcionado para o tempo livre, lazer, ou seja, oportunidade e possibilidade da prática esportiva através de um fenômeno da cultura corporal.

Por conta disso, percebemos a relevância do trato desse fenômeno social no âmbito da academia, visto que as pesquisas sobre o tema ainda não ganharam fôlego nos cursos de pós-graduação, segundo o banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Núcleo Brasileiro de Dissertações e Teses em Educação, Educação Física e Educação Especial (NUTESES). Gráfico 1.

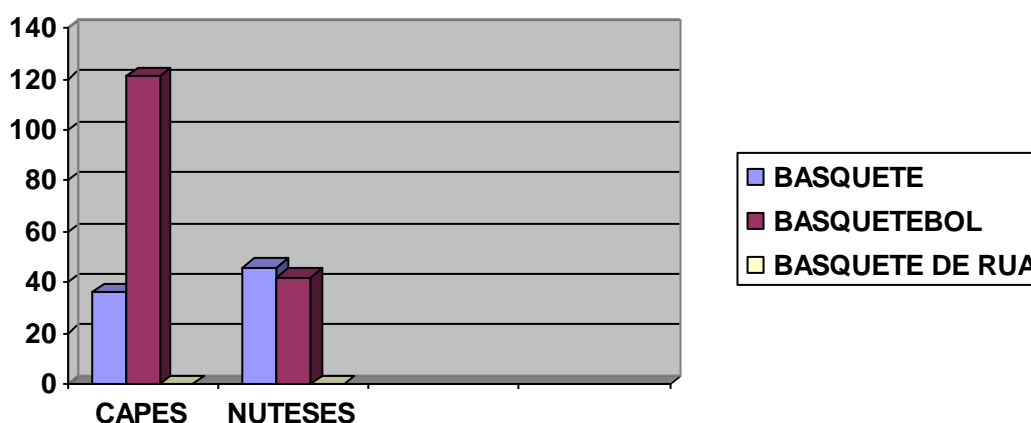


Gráfico 1

Ao realizarmos as pesquisas com as seguintes palavras-chave: basquete; basquetebol e Basquete de Rua encontramos os seguintes resultados: No banco de dados da Capes, com a palavra-chave “basquete” encontramos 36 trabalhos catalogados, com “basquetebol” 121 trabalhos e com a palavra-chave “Basquete de Rua”, nenhum trabalho encontrado. Já no banco de dados da Nuteses realizamos dois tipos de busca: simples e avançada. Na avançada encontramos com a palavra-chave “basquete” – 27 trabalhos catalogados, com “basquetebol” – 26 trabalhos e com “Basquete de Rua”, nenhum trabalho catalogado; na pesquisa simples encontramos 46 trabalhos tendo como palavra-chave basquete. Ao colocarmos a palavra-chave “basquetebol”, foram encontrados 42 trabalhos e com “Basquete de Rua” – nenhum trabalho encontrado.

Logo, concluímos que essa pesquisa pode contribuir no sentido de uma maior reflexão sobre a cultura, a educação, a identidade e principalmente às ações afirmativas relacionadas ao fenômeno esportivo, voltadas para os filhos da classe trabalhadora pobre e para o afro-descendente, a fim de corroborar com a inserção do negro na sociedade, para além da prática da capoeira² e outras manifestações artístico-culturais – apesar de considerarmos de suma importância no debate das ações afirmativas - desta forma apontamos para o esporte, o Basquete de Rua como foco, pois acreditamos que a ação esportiva é um dos veículos de formação crítica do conceito de cidadania na busca da emancipação humana.

Sentindo a necessidade de responder a algumas inquietações sobre esse fenômeno e percebendo que se faz necessário o trato das manifestações nascidas e (ou) reinventadas na rua, fora do espaço educacional tradicional, deva ser tratado dentro da academia, surge a todo instante perguntas sobre esse fenômeno: Como o Basquete de Rua desenvolve suas expressões produzidas historicamente, compreendendo suas tendências de transformação? Qual a realidade, contradições e possibilidades superadoras que o Basquete de Rua como prática cultural oferece para a cidade de Salvador? Assim, pretendemos responder essas questões durante nossos estudos sobre o Basquete de Rua, por entender que esse é um tema que vem crescendo dentro da sociedade brasileira e soteropolitana.

A cidade de Salvador tem características exclusivas de uma cidade que contempla a beleza natural com praias, lagos, parques e o seu maior cartão postal, o seu povo. Contudo, o índice de desenvolvimento humano é baixo, Salvador está em 480º lugar no ranking do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) das cidades do Brasil³, a desigualdade social é grande, a educação é precária – apesar da meta IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) para 2007 ter sido alcançada e a meta de 2009 também foi alcançada, porém houve uma diminuição com referencia a 2007⁴ - e o transporte urbano é insuficiente. São inúmeros os problemas que uma cidade turística como Salvador enfrenta.

² A capoeira teve seu reconhecimento como Patrimônio Cultural Brasileiro no dia 15.07.08 na cidade de Salvador, capital da Bahia, que foi reconhecida como patrimônio imaterial da cultura brasileira, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). A capoeira é a 14ª expressão artística do Brasil registrada como patrimônio imaterial e, com o título, fica assegurada sua preservação como patrimônio cultural e torna-se capaz a elaboração de projetos e políticas públicas em prol da continuidade dessa manifestação. Disponível em: http://www.braziltour.com/heritage/html/pt/pc_nec_evt_salvador_capoeira.php - acesso em 18/07/2010, às 9:30min.

³ Fonte PNUD, disponível em: [http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/IDH-M%2091%2000%20Ranking%20decrecente%20\(pelos%20dados%20de%202000\).xls](http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/IDH-M%2091%2000%20Ranking%20decrecente%20(pelos%20dados%20de%202000).xls), acesso em 18-07-2010.

⁴ Ver em : <http://ideb.inep.gov.br/Site/> acesso em : 18-07-2010 , às 10h

Mais de 75% da sua população é de afro-descendentes⁵, possui o maior bairro negro do Brasil – Liberdade – que apesar de enfrentar problemas estruturais por falta de uma política de ação social consistente na valorização do afrodescendente, consegue manter suas raízes à flor da modernidade, alertamos que estamos falando do novo, o que está em constante mudança, colocando o que anteriormente se caracterizava como novo, moderno, avançado, é superado rapidamente, constituindo-se no velho, ultrapassado. Vale salientar, que essas alterações acontecem com tal velocidade que muitas comunidades menos favorecidas economicamente, tardam em terem acesso, assim são, com suas tecnologias que estão distantes da realidade econômica da região, mesmo com tantas desigualdades e contradições sobrevivem e convivem com os laços culturais em posição de resistência.

Por conta de tantas problemáticas que o povo de Salvador enfrenta em particular a população afro-descendente, temos como objetivo principal identificar e analisar a realidade e as contradições do Basquete de Rua como manifestação da cultura corporal da população afro-descendente jovem da cidade de Salvador e como procedimento para coleta de dados nós utilizaremos a técnica da triangulação com base em Triviños, (2009, p. 138). Vale salientar que utilizaremos como norma de identificação do relato dos entrevistados o texto em *itálico* para melhor compreensão.

No sentido de alcançarmos todas as metas, buscaremos no segundo capítulo entender o conceito de cultura, através de alguns autores que tratam da temática e pontuam os diversos enigmas que estão inseridos na questão. Além de visitar o que a identidade pode contribuir no processo de emancipação humana, abordaremos também sobre as tribos urbanas no contexto das relações sociais, uma vez que a cultura de rua tem se mostrado de maneira mais reivindicadora na sociedade. Ainda neste capítulo faremos reflexões sobre a educação não formal contextualizando seus aspectos educativos na sociedade e sua contribuição para a educação formal, além da relação educação não formal e as tribos, analisando também a sala de aula e a rua como espaços de conhecimento, uma vez que as manifestações recriadas ou reinventadas na rua, fora do espaço tradicional da educação têm crescido no debate educacional.

No terceiro capítulo entraremos em nosso objeto o Basquete de Rua e sua relação com o movimento *Hip Hop*, o contexto no Brasil, na Bahia e em Salvador, a sociedade e seus hábitos e estilos tanto no vestir como de comportamento, sobretudo as suas estratégias de

⁵ Segundo o Censo IBGE de 1991 e 2000, a taxa da população residente por cor e raça aumentou. Disponível em: <http://www.sim.salvador.ba.gov.br/indicadores/index.php>
Acesso em 18-07-2010.

contraponto com as questões sociais analisando principalmente se existe algum debate interno sobre as condições sociais da comunidade em que está inserido, sobre a sociedade em geral, sua identidade elevando assim o nível cultural dos que participam e se envolvem com essa manifestação.

Já no quarto capítulo contaremos nossa experiência com o objeto e indicaremos a metodologia utilizada na pesquisa, e posteriormente, relataremos e analisaremos os dados empíricos da experiência nos espaços e com os sujeitos que realizam e reinventam a manifestação do Basquete de Rua.

Por fim, traremos nossas considerações provisórias sobre a temática deixando claro que não buscamos encerrar o debate sobre as questões levantadas nessa pesquisa. Mas, contribuir com o debate sobre a educação, as relações sociais, que ainda estão sendo colocadas como um ponto de sustentação dentro e fora do ambiente escolar, por possuir em sua dinâmica o esporte como o seu maior interlocutor, sendo muitas vezes confundido como a educação física e não como uma manifestação, um elemento de desenvolvimento da cultura corporal e, principalmente, sobre a relação com a sociedade, visto que o Basquete de Rua é uma manifestação criada na rua pelos agentes que, em sua maioria, não têm acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade e nem pelos bens que são produtos da criatividade e reinvenção popular.

2 – CULTURA

2.1- CULTURA, O QUE É MESMO ISSO?

O conceito de cultura é recente, pois apenas no século XIX o termo teve amplitude, apesar de no século anterior já existirem citações a respeito. Por ser assim e por ser tão recente a tentativa de conceituar o termo, existem muitas divergências.

Nossa intenção não é a de definir o conceito e sim de pontuar alguns autores que divergem em pontos distintos na tentativa de conceituar cultura. Portanto, tentaremos dar algumas pistas no sentido de avançar no debate sobre o tema.

Eagleton (2005), Santos (2006) nos diz que Vem do verbo latino *colere*, que quer dizer cultivar, um de seus significados originais é “lavoura” ou “cultivo agrícola”, o cultivo do que cresce naturalmente. Portanto, a cultura provém da natureza transformada, ou seja, é construída ou (re) configurada a partir das modificações da natureza feitas pelo homem.

Prontamente, na perspectiva de aprofundar o debate sobre cultura, partiremos do pressuposto que as relações humanas no processo de interação proporcionam novas formas de entendimento de cultura, partindo do ponto das significações das relações, pois,

(...) a cultura é simultaneamente um aspecto de interação concreta e o contexto de significação desta mesma interação: ela é posta em movimento das relações humanas como a condição que torna essas mesmas relações significativas. (Poutignat, 1998, p. 110)

Santos (2006, p.44), nos diz que “cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade”. E continua, “a cultura faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto fundamental”. (p.47). Logo, a preocupação com as relações sociais, grupos e suas interações é o que caracteriza a cultura na visão do autor, que ainda nos traz duas concepções básicas de cultura, “a primeira concepção de cultura remete a todos os aspectos de uma realidade social; a segunda refere-se mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo”. (p. 23). Então, podemos dizer que o Basquete de Rua, inserido no contexto social esportivo e cultural da sociedade é aprendizagem e conhecimento, interação e intervenção, contestação e aceitação. Portanto, cultura.

Arantes (2006) reforça que a cultura,

é constituída por sistemas de significados que são parte integrante da ação social organizada, recupera-se a noção de que, os sistemas culturais

comportam incoerências. São essas ambigüidades que permitem, justamente, a articulação do desacordo nos termos de e com os elementos próprios a um mesmo e único sistema simbólico. (p. 40).

O autor nos ajuda a refletir sobre a questão do mapeamento quando aponta sobre a questão, visto que, esse tipo de intervenção não é significativa do ponto de vista de entender as contradições culturais existentes nos grupos. Vejamos, “(...) não se deve buscar apenas o mapeamento social subjacente às ações observadas, mas, sim as compreensões variadas e, às vezes, conflitantes que diferentes segmentos de um grupo articulam na própria ação.” (p. 40 e 41). Buscamos verificar na pesquisa, nos grupos que jogam o Basquete de Rua, essas diferenças de segmentos e articulação. Pois, em Cajazeiras, bairro da periferia de Salvador, grupos de vários segmentos da sociedade reúnem-se para jogar o basquetebol. Apesar das diferenças sócio-culturais, estes atores se articulam com o objetivo de realizar campeonato de basquetebol em uma quadra pública local. Enquanto que na cidade baixa, outro bairro de Salvador os grupos se reúnem com a intenção da prática do lazer através do Basquete de Rua. No capítulo quatro, referente ao Basquete de Rua, faremos maiores considerações trazendo informações importantes para o entendimento do que acontece nos variados locais onde o Basquete de Rua se evidencia, principalmente o Jardim dos Namorados que nos mostraram uma rica diversidade e interação.

Ao recorrermos a Ortiz (2006), temos auxílio para entender que a interferência do Estado burguês na cultura propicia uma nova forma de fazer cultura e as classes oprimidas buscam alternativas para contestar a institucionalização da cultura popular. Logo, “o caráter político do conceito de cultura está intimamente ligado às questões referentes ao poder, à luta de classes, à desigualdade e ao sofrimento que foram o motor da história”. (Abib, 2004, p.26). Este mesmo motor está vivo nos locais das práticas do Basquete de Rua, as dificuldades e degradação dos espaços, dos equipamentos e a falta de compromisso do poder público com os espaços de esporte e lazer reforçam o caráter político do conceito de cultura. Visto que, a nova forma do fazer da cultura percorre o caminho do processo capitalista de produzir a vida, pois esse caminho está atrelado às condições sócio econômica da população, contudo essa população excluída do acesso aos bens culturais é a mesma que influencia significativamente na produção desses bens. Logo, com a institucionalização do caráter popular da cultura os produtos produzidos pelas populações menos favorecidas têm seus direitos de acesso à cultura diminuído. Vale enfatizar que o Estado tem buscado mecanismos para amenizar essas diferenças, como exemplo acesso gratuito a shows e espetáculos e eventos esportivos de

cunho popular, como os jogos da periferia o qual abordaremos no capítulo sobre o Basquete de Rua.

Laraia (2008) nos traz uma série de elaborações sobre o conceito e a ideia da origem da cultura, importante evidenciar uma passagem sobre a consideração de Claude Levi-Strauss, o mais importante antropólogo Francês, que “a cultura surgiu no momento em que no homem convencionou a primeira regra, a primeira norma. Para Levi-Strauss, esta seria a proibição do incesto, padrão de comportamento comum a todas as sociedades humanas”. (p. 54).

Vemos com Paris (2002) que cultura é uma totalidade complexa,

que compreende as *práticas e materiais tecno-econômicos* até as *representações de mundo, os códigos morais e as realizações expressivas*, passando pelos processos de *comunicação*, as formas de *organização e as pautas reprodutoras*, num tecido de relações internas cujo papel e força determinante deram lugar a teorias opostas. Mas que, além disso, encontra-se em íntima relação com o meio ecológico, ao qual responde, e o qual recria a partir de suas peculiaridades, sem que, tampouco, se possam esquecer as determinações que dependem do desenvolvimento demográfico a que está sujeito. A cultura não só circunstancia, mas penetra nossa vida e lhe confere suas possibilidades de subsistência e de expansão. Constituindo um todo dinâmico, complicado internamente por subculturas de classe, de sexo, de idade, agitando por contradições e relações externas com o mundo e com outras culturas, sua análise nos dá chaves decisivas para compreender o processo histórico e comportamento humano”. (p. 88 e 89).

O autor ainda nos traz duas dimensões da cultura: são elas, subjetiva e objetiva, uma representando sua vivência, e a outra sua projeção exterior, respectivamente.

Bhabha (2007) reflete sobre a cultura nos mostrando diversos pontos distintos, seu lugar, suas diferenças, suas contradições numa sociedade que a todo instante altera a sua condução cultural. Assim ele coloca: “Cada vez mais, as culturas “nacionais” estão sendo produzidas a partir da perspectiva de minorias destituídas”. (p.25). Vejamos os grupos, tribos que compõem o Basquete de Rua, estão colocados nessa minoria destituída, ao mesmo tempo, que se inserem numa maioria excluída da prática esportiva institucionalizada e elitista característica do basquete tradicional. Para este autor o trabalho da cultura em fronteiras relaciona-se com o novo, dando lugar a uma resignificação da cultura, o que não significa passar de geração em geração, que entende como nostalgia de viver.

O trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte continuum de passado e presente. Ele cria uma idéia do novo como ato urgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado,

refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (Idem, p.27)

Conferimos que Homi Bhabha não compreende a cultura somente como uma causa social, tem uma concepção para além da tradição, colocando o presente em constante renovação, dinâmico, ou seja, uma necessidade de resignificar o que foi construído, pois as relações do presente são diferentes das do passado, os pontos de convergência não são os mesmos.

Hall (2005) coloca sobre a cultura nacional, que algumas características tradicionais da cultura foram sendo relativizadas e com isso, modificadas por normas e regras. “A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura *nacional*”. (p.49). O tratamento dado à cultura por alguns autores corrobora com o nosso pensamento. Assim, entendemos que não nascemos com identidades, pois elas são formadas e transformadas nas relações sociais, ou seja, na relação homem/homem e homem/natureza, colocados por alguns autores que defendem essas relações. Logo, o sujeito se forma como sujeito social, através da experiência das gerações passadas transmitida às gerações vindouras, ou seja, pela cultura.

Ora, se cultura remete a refletir sobre a transmissão de experiências entre gerações, significa que quando esse processo é diminuído ou interrompido, conseqüentemente a cultura transformar-se-á no “passado-presente”, ao mesmo tempo em que esse processo de destituição proporciona às minorias transformações históricas.

A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica. O “direito” de se expressar a partir da periferia do poder e do privilégio autorizados não depende da persistência da tradição; ele é alimentado pelo poder da tradição de se reinscrever através das condições de contingência e contraditoriedade que presidem sobre as vidas dos que estão “na minoria”. (Bhabha, 2007, p. 21)

Mesmo assim, podemos analisar que as minorias destituídas deixam legados culturais que necessitam ser revisitados, revistos e revividos para uma maior e melhor compreensão dos modos de vida destas minorias entendendo o seu processo de construção cultural e desta forma possamos enxergar suas significativas contribuições.

Santos (2006) aborda a cultura do ponto de vista sociológico onde as questões das relações sociais estão postas e devem ser consideradas relevantes para o entendimento do pertencimento da cultura de sociedades ou grupos sociais distintos.

Cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui também suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes. Assim, falar, por exemplo, das etapas humanas de selvageria, barbárie e civilização pode ajudar a entender o aparecimento da sociedade burguesa na Europa, mas não é suficiente para dar conta de culturas que por longo tempo se desenvolveram fora do âmbito dessa civilização. (p.12).

E continua:

Observem que vivemos numa sociedade que tem uma classe dominante, cujos interesses prevalecem, Se fossemos relativizar os critérios culturais existentes no interior da sociedade acabaríamos por justificar as relações de dominação e o exercício tradicional do poder: eles também seriam relativos. (idem, p. 20).

Dessa forma, continuamos a dizer que a diversidade não caracteriza um relativismo, dentro e nas relações sociais que as diferentes sociedades apresentam nas suas culturas. “(...) o importante para pensarmos a nossa realidade cultural é entendermos o processo histórico que a produz, as relações de poder e o confronto de interesses dentro da sociedade”. (p.34). Assim, mais uma vez, o autor nos alerta sobre a importância das relações sociais na elaboração, construção ou integração das culturas, mesmo que seja com a dominação de um povo sobre o outro, a destruição da cultura do povo dominado.

Podemos dizer que cultura é tudo aquilo que, através das relações sociais, dá continuidade a uma determinada sociedade, transformando-a, assim sendo, o Basquete de Rua é uma manifestação de importância singular com amplas possibilidades de ser produtora de continuidade da transformação social. Vale salientar, que não estamos nos apoiando nesta manifestação como salvação para os problemas sociais existentes na contemporaneidade, pois o conceito de cultura está em processo de resignificação, principalmente os conceitos de culturas nacionais, como coloca Bhabha,

Os próprios conceitos de culturas nacionais homogêneas, a transmissão consensual ou contígua de tradições históricas, ou comunidades étnicas

“orgânicas” – *enquanto base do comparativismo cultural* -, estão em profundo processo de redefinição. (p.24).

Podemos entender então, que a cultura está na relação entre gerações onde suas tradições são passadas de povos para povos, comunidades para comunidades, países, transformando as suas raízes, e ao mesmo tempo, propagando-a com a contemporaneidade. As formas e estilos que as culturas da juventude se propagam em todo o mundo percorrem por esse caminho de ida e vinda, transformando-se a cada local, tribo, etc. Trataremos mais à frente sobre estas questões, relacionando-as com o Basquete de Rua, o Movimento Hip Hop, entre outros.

Já para Ortiz (2006), o conceito de cultura perpassa por caminhos que direcionam para muitas reflexões a respeito, pois no Brasil, o Estado teve e ainda tem um papel fundamental e importante na configuração do desenvolvimento da cultura nacional, mesmo com uma cultura popular sendo fortalecida e difundida ao longo do tempo. Ainda continuando com o autor, principalmente no período de 1964-1980 houve o grande monopólio cultural no Brasil com os meios de comunicação privados controlados pelo Estado.

O Estado é o elemento fundamental na organização e dinamização deste mercado cultural, ao mesmo tempo, que nele atua através de sua política governamental. É bem verdade que o espaço cultural se limita, numa sociedade periférica como no Brasil, aos grandes centros urbanos. Isto, porém, não deve ser atribuído a qualquer distorção social, mas corresponde à consolidação de um mercado interno de bens materiais que tem como característica básica a concentração de riqueza. (p.84)

Assim, o conceito de cultura que perpassa pelas condições e situações que se evidenciam ou permanecem no presente com possibilidades de realizar outro momento no futuro, se processa da relação do homem consigo mesmo e com outros, se apropriando das atividades existentes e resignificando-as a partir do que se apropriou. Logo, o que está sendo colocado na sociedade, sobre cultura híbrida, consolida as formas de resignificação que a cultura sofre ao longo dos tempos em diversos espaços. Então, se constrói num processo de identificação e significados de desenvolvimento do ser humano nas relações sociais. Dizemos isso por entendermos que a cultura está formatada e caracterizada distintamente em cada parte do mundo, assim, cada povo se identifica culturalmente através das suas tradições mesmo atravessando fronteiras. Portanto, a diversidade cultural não se caracteriza apenas pela

migração de povos entre países, isto é, pela transferência de sujeitos com hábitos e estilos para outras localidades. Logo, acreditamos que a direção que o Estado caminha com a cultura, possibilita as mudanças das características das manifestações populares, podendo conseqüentemente transformá-las em várias outras culturas, interferindo ou não em seus códigos, signos e significados.

Por isso, consideramos o movimentar-se da cultura, ou seja, que o hibridismo que acontece na contemporaneidade, retoma os laços culturais dentro desse processo de transformação seja de um lugar, do povo, ou das manifestações religiosas ou não, que, por sua vez, está ligada à manipulação dos pertencimentos culturais, visto que a proposta da sociedade contemporânea em deslocar a cultura de maneira que o acesso seja restrito aos que possuem condições econômicas favoráveis, independente de privilégios e ou benefícios que determinada classe tenha está tutelada aos mecanismos institucionalizados, isto é, às normas, regras, leis que são colocadas para intervir nos processos culturais de várias ordens, como foi colocado anteriormente sobre o pensamento de Levi-Strauss. Vale salientar que, mesmo com as intervenções institucionalizadas, os sujeitos reconstroem e fortalecem seus laços culturais através da historia. Assim, vejamos o que traz Abib, (2005), portanto,

A cultura passa a ser, a partir desse viés, um campo de significação e um terreno de luta, nos quais os processos de identificação se dão de acordo com as necessidades históricas dos sujeitos que compõem os grupos protagonistas desses processos. (p.28)

Quando analisamos a cultura no contexto da modernidade, a partir das alterações sofridas por mecanismos de troca e de transferências de experiências, ou até mesmo de destruição da cultura do “outro” por domínio do território e do seu povo, não pretendemos dizer que a cultura que é modificada na modernidade em busca de outros modos de vida significativamente diferentes da abrangência que a cultura traz, significa dizer juntamente com Hall (2005) que “a modernidade não é definida como experiência de convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua, mas é uma forma altamente reflexiva de vida.” (p.15). Dessa forma, entendemos a modernidade como “o novo” que se coloca, como o que supera o anterior e não como “experiência de convivência”. Assim, se encontra em mudança constante, alterando os processos culturais.

Assim diz BhaBha, (2007), sobre a diferença cultural e diversidade cultural:

A diversidade cultural é um objeto epistemológico – a cultura como objeto do conhecimento empírico – enquanto a diferença cultural é o processo da *enunciação* da cultura como “conhecível”, legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural. Se a diversidade é uma categoria da ética, estática ou etnologia comparativas, a diferença cultural é um processo de significação através do qual afirmações da cultura ou sobre cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade. A diversidade cultural é o reconhecimento de *conteúdos e costumes culturais pré-dados* (grifos nossos); mantida em um enquadramento temporal relativista, ela dá origem a noções liberais de multiculturalismo, de intercâmbio cultural ou da cultura da humanidade. (p. 63)

Um povo que não reconhece a sua cultura é artificial, fictício, sem verdades, é um povo carente de criatividade, que não transforma. O conhecimento da história perpassa pela cultura. Um povo que não conhece a sua história não possui a sua própria cultura, importa-a.

Deste modo, o reconhecimento do conteúdo e costumes de determinada cultura perpassa pela condição de aceitar a diversidade cultural. Vejamos, as manifestações da comemoração do Dois de Julho, em Salvador, quando da passagem do caboclo pelas ruas da cidade, fica estampado nos rostos da população a satisfação e reverência àquela imagem simbólica da Independência da Bahia. O povo baiano se identifica com os guerreiros que deram contribuição importante para a independência do Brasil e da Bahia. Contudo, alertamos que não queremos afirmar que a Bahia, Salvador em particular, seja um exemplo de reconhecimento e ou consciência cultural, visto que, há uma miscigenação cultural na cidade, que direciona a interpretações contraditórias sobre a cultura. Mesmo assim, seus códigos de identidade cultural estão evidenciados nas comemorações de rua como o Dois de Julho, músicas, danças, refrões de protesto e apoio às formas de luta que se afloram com tons criativos e de irreverência.

Assim, os costumes, crenças e relações continuam sendo reforçadas pelas gerações redefinindo a cultura no seu processo contínuo com a sociedade. Logo, “a cultura não está dissociada da sociedade nem completamente de acordo com ela”. (Eagleton, 2005, p. 18). Não é dissociada por ter diferentes formas de interagir e se relacionar com ela, porque com a diversidade que se evidencia na sociedade contemporânea, a cultura reflete seus signos e significados, interesses e luta pelo poder e não tem acordo por conta de suas características serem alteradas em diferentes tempos e espaços, proporcionando modos distintos de relação cultural conforme é posto em determinado lugar, explicitando a sua lógica interna contraditória e seus conflitos na seio das relações sociais.

2.2 – CULTURA CORPORAL E IDENTIDADE

Quando consideramos que a cultura deva ser observada por vários ângulos e por múltiplos olhares, abrimos possibilidades de perceber que além de complexo, o conceito de cultura também é estranhado. Contudo, o conceito de cultura corporal acompanha uma lógica de desenvolvimento característica das relações sociais.

París (2002) evidencia que “o corpo representa o fundamento, a origem e o princípio da cultura, enquanto que esta significa o prolongamento e a potencialização de nossa somaticidade”. (p. 66). A potencialidade do corpo no fundamento da cultura segue uma trajetória complexa na relação do homem com a natureza, pois a construção social do indivíduo vem através da história sendo passada de geração a geração, sofrendo modificações de acordo com as transformações que determinada sociedade sofre, constituindo-se assim, pouco a pouco, como cultura. Essa forma de evolução e desenvolvimento da cultura evidencia-se também nos jogos como o Basquete de Rua, que transcende e reinventa um jogo em prol da maioria que tem direito a usufruir, participar e discutir as atividades que a minoria domina. Dessa forma, o corpo ganha força quando se manifesta numa perspectiva de construção e desenvolvimento dos processos culturais postos nas relações sociais, constituindo-se cultura e identidade.

Assim, avançamos com a possibilidade de como o jogo se apresenta para a cultura e como é considerado por Huizinga (2008), antecedendo a cultura. Com sua beleza e liberdade o jogo tem uma ligação estreita com a cultura. Logo, “a vivacidade e a graça estão originalmente ligadas às formas mais primitivas do jogo. É neste que a beleza do corpo humano em movimento atinge seu apogeu”. (p.9). O jogo possui característica própria de sua atividade, por que ao colocar o corpo em movimento com sua complexidade, o jogo demonstra sua graça, beleza, ao mesmo tempo em que sua característica social se apresenta como culturalmente útil, livre e fenômeno cultural.

O autor ainda nos traz como a cultura surgiu, sem colocar o surgimento da civilização pela cultura:

(...) a cultura surge sob a forma de jogo, que ela é, desde seus primeiros passos, como que “jogada”. Mesmo as atividades que visam à satisfação imediata das necessidades vitais, como por exemplo, a caça, tendem a assumir nas sociedades primitivas uma forma lúdica. A vida social reveste-se de forma supra biológicas, que lhe conferem uma dignidade superior sob forma de jogo, e é através deste último que a sociedade exprime sua interpretação da vida e do mundo. (p.53).

Este autor nos traz que o jogo ganha um valor cultural a partir do momento em que a beleza se evidencia. Ao mesmo tempo em que nos mostra as evidências ideológicas que o jogo transporta para a interpretação da sociedade.

Sendo assim, compreendemos as transformações que o jogo ao longo dos anos vem sofrendo em seus significados e formas de jogar, além de influenciar nas formas físicas das cidades, modos de comportamento e principalmente nas culturas “nativas”, ou seja, interfere de forma tal a descaracterizar a identidade dos sujeitos que se envolvem com a atividade. Essa descaracterização da identidade de um povo vem sofrendo mutações através de muitos elementos: o Estado, a discriminação e não somente por intervenções de superioridade de determinada raça ou classe social. Ao mesmo tempo em que a globalização transforma em uma miscelânea de identidade promovendo o desaparecimento de culturas e identidades locais, concomitantemente surgem outras identidades criadas pelo efeito da globalização, “o trabalho fronteiriço”. Bhabha (2007). Pois, o hibridismo cultural que a globalização proporciona em todos os campos do gênero humano, traduz a confusão de identidades proporcionando o seu empobrecimento, ao mesmo tempo em que, por outro lado, constrói novos laços culturais.

Hall (2005) nos ajuda a entender esse abalo quando reflete sobre os efeitos da globalização nas identidades culturais, apresentando três possíveis consequências:

As identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pos-moderno global”; As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização; As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades –híbridas – estão tomando seu lugar. (p.69).

Analisando a obra de Darci Ribeiro, “O povo brasileiro”, e do ponto de vista da construção étnica do país, consideramos que a cultura foi transformada passo a passo conforme a miscigenação das matrizes culturais que foram se desenvolvendo, a saber: Matriz Tupi, Lusa e Afro.

Uma copiosa documentação histórica mostra que, poucas décadas depois da invasão, já se havia formado no Brasil uma protocélula étnica neobrasileira diferenciada tanto da portuguesa como das indígenas. Essa etnia embrionária, multiplicada e difundida em vários núcleos – primeiro ao longo da costa do atlântico, depois trasladando-se para os sertões interiores

ou subindo pelos afluentes dos grandes rios -, é que iria modelar a vida social e cultural das ilhas-Brasil. (Ribeiro, 2006, p.244)

Por isso, temos muitas coisas que herdamos dos índios e até hoje estão presentes em nosso cotidiano. Portanto, a cultura, apesar de viva, foi transformada na e pela modernidade, e ainda tem laços firmes e sólidos da herança indígena. A Matriz Lusa, que sofre influência de vários povos da Europa, chega ao Brasil e desenvolve e influencia a cultura existente. A Matriz Afro é a base da cultura brasileira, na sua mais evidente forma, a criatividade, pois está presente nas manifestações de rua como os “apelidos” dados nas rodas de capoeira, as reinvenções de cânticos e danças, são alguns exemplos, pois, o tráfico de escravos para o Brasil predominou com os africanos da Costa do Marfim e Angola, com isso a influência em nosso vocabulário da grande quantidade de palavras de origem africana, da culinária, além de recriarmos formas e gostos dentro deste farto universo cultural que o Brasil tem, principalmente nos estados do nordeste brasileiro, em particular a Bahia.

Logo, com todas as evidências e pesquisas realizadas por vários estudiosos entendemos que os homens através da cultura, além de conduzir e criar as nossas formas e modos de vida transcorre e transforma a característica humana, ou seja, produz uma identidade específica em cada grupo étnico ou social.

Considerando que o Basquete de Rua é um elemento cultural de identidade que usa como uma de suas linguagens, o corpo, o qual Munanga (2009) se refere de forma enfática quanto ao caráter de identidade: “o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade”, (p.19), é onde a juventude moderna demonstra no seio da sua manifestação um caráter de reivindicação, causando assim outro modo de se relacionar com a sociedade diferenciando-se do tradicionalismo. Constatamos que a identidade desse grupo não se dá somente pelo fator histórico, mas também pelo fator lingüístico, estético, visto que, os estilos característicos desses grupos os tornam como uma referência com os modos de vestir e comunicar-se, caracterizando assim sua identidade.

Podemos dizer que o Basquete de Rua tem uma linguagem própria com seus dialetos, vestuários, estilos de cabelo, formas de andar, etc.

Porém, a crise de identidade que vem ao longo do tempo se mostrando para o mundo, está ligada à globalização. Ao mesmo tempo, nesta crise crescente, surgem grupos urbanos que intensificam sua identidade através dos seus estilos de vida e comportamento, o movimento *Hip Hop*, o skate, o grafite, o Basquete de Rua são apenas alguns exemplos.

Alguns fatos históricos podem ser considerados para o entendimento da identidade brasileira a partir da importação de símbolos que foram transformados no Brasil pela ação popular. A dança, por exemplo, foi sendo transformada da forma europeia de festejar, através da religiosidade africana, com a dança dos batuques dos atabaques do candomblé, a capoeira como forma de defesa também foi se consolidando como forma de festejo, a música que tem papel importante na construção da identidade brasileira, principalmente a da malandragem que se une com a capoeira, pois são elementos próprios do convívio com a periferia, que em sua ampla maioria é excluída da sociedade fortalece a identidade cultural que, ao mesmo tempo, contribui com a educação, a não-formal, como coloca Abib, (2007). Contudo, podemos falar em várias identidades culturais, mesmo que sem intenção, é fortalecida por interferências culturais contemporâneas que dificultam o seu entendimento. Assim, a força das manifestações tradicionais evidenciadas e transformadas na rua dá o tom da identidade do povo brasileiro, proporcionando e fortalecendo uma mestiçagem cultural. Logo, podemos dizer que a identidade brasileira é mestiça, assim como o povo.

2.3 – TRIBOS URBANAS

Para continuarmos a discussão se faz necessário entender o conceito de tribo na contemporaneidade a partir da origem da palavra, aprofundando no que diz respeito ao conceito ou mesmo ao modo de vida, deixando claro que não estamos com a pretensão de esgotar a discussão sobre o assunto e sim com o intuito de contribuir com reflexões sobre o tema.

Tribo, etimologicamente falando, vem do grego *tribé*, que exprime ideia de atrito, ou seja, resistência de corpos que se opõem quando se confrontam. (Pais, 2004, p. 12). Nas sociedades mais antigas as tribos tinham em sua cultura, na sua lógica o trabalho coletivo em detrimento ao trabalho individual, onde os homens trabalhavam para buscar o alimento e as mulheres cuidavam dos afazeres domésticos e dos filhos. Esse tipo de trato comunitário foi ao longo do tempo se transformando e se descaracterizando, as culturas foram sendo modificadas e hoje vemos na sociedade contemporânea esse padrão de cultura e lógica social invertida. Em muitos dos movimentos contra-hegemônicos esse conceito é fortemente evidente, pois, os atritos estão postos em vários confrontos, sejam eles físicos ou ideológicos. No Basquete de Rua, por exemplo, se configura o confronto com o basquete tradicional.

Para Mafesoli (2006) as tribos estão diretamente ligadas ao modo de vida e a uma determinada energia para sua consolidação ou construção, ao mesmo tempo em que nos alerta sobre o movimento que esses grupos fazem para se constituírem transformando-se numa expressão das massas. Vejamos:

O importante é a energia dispendida para a constituição do grupo como tal. Dessa maneira, elaborar novos modos de viver é uma criação pura à qual devemos estar atentos. É importante insistir nesse ponto, pois existe uma “lei” sociológica que leva a julgar todas as coisas como base no que está instituído. Essa carga nos faz passar ao largo do que está em vias de surgir. O vaivém entre o anômico e o canônico é um processo de que não descobrimos toda a riqueza. Assim, para definir melhor o meu postulado, direi que *a constituição em rede dos microgrupos contemporâneos é a expressão mais acabada das massas*. (grifos do autor). (p. 164 – 165).

Enxergar as tribos sem relacioná-las com a forma de produção da vida no sistema e como elas se constituem como movimento contra-hegemônico, apesar dessa característica se constituir apenas em alguns grupos ou tribos, é, no mínimo, excluir ou tentar ocultar o caráter político e social que esses grupos realizam dentro e fora das relações em que vivem. Pois, a sociedade com suas contradições, são pontuadas por alguns grupos de maneira precisa, ao

mesmo tempo em que os organismos de poder promovem ações no sentido de inibir os questionamentos desses grupos. Pensar as tribos, distante dessa forma, apesar de reconhecermos a existência de outras formas e características de tribos, remete ao aforismo e deixa uma interrogação: Como as constituições em rede de microgrupos contemporâneos se caracterizam em uma expressão das massas? Ora, se essa rede permite uma flexibilidade na condução e inserção desses sujeitos, podemos dizer que a rotatividade que esses microgrupos têm oferece maior possibilidade de interação na rede socializando seus interesses, formas, modos de vestir, agir e pensar ampliando todo esse universo “tribal” em direção da constituição de uma expressão de massa. Assim, preferimos dizer que essas constituições de expressão no seu interior, como formas de discutir ou até mesmo intervir sobre questões que os afligem, afetam os seus modos de vida, identidades, dentro da sua própria contradição. Dessa maneira, podemos examinar que nas tribos urbanas existem traços contraditórios e traços de integração.

Entre as chamadas <tribos urbanas> a subversão está também estreitamente ligada à conversão. Por outras palavras, as <tribos> geram um sentimento de pertença que assegura marcos conviviais que são garantidos de afirmações identitárias. Por isso, nas chamadas <tribos> encontramos manifestações de resistência à adversidade, mas também vínculos de sociabilidade e de integração social. (Pais, 2004, p. 17)

Na modernidade, a revolução industrial, as novas tecnologias, a evolução da ciência que são processos de construção do homem através do trabalho, trouxeram mudanças significativas às construções da sociedade e, principalmente, na construção de novas culturas, pois o homem para sobreviver, transforma a natureza em busca do alimento de forma intencional, ao mesmo tempo em que se transforma como ser social; elabora, constrói novos instrumentos modificando e transformando a si e toda a sociedade, através do trabalho. Portanto,

o trabalho é o fundamento do ser social porque transforma a natureza na base material indispensável ao mundo dos homens. Ele possibilita que, ao transformarem a natureza, os homens também se transformem. E essa articulada transformação da natureza e dos indivíduos permite a constante construção de novas situações históricas, de novas relações sociais, de novos conhecimentos e habilidades, num processo de acumulação constante. (LESSA e TONET, 2008, p. 26)

A revolução industrial configura-se como mola propulsora da sociedade urbana e tecnológica que vivemos na atualidade, ao mesmo tempo em que proporciona desigualdades, ideologias antagônicas e, principalmente, miséria econômico-social. Com tantas contradições sociais e culturais que a modernidade produz, a periferia dos grandes centros urbanos paralelamente foi desenvolvendo costumes e culturas contestando esse tipo de sociedade, com expressões do corpo e das artes a exemplo do movimento *Hip Hop* com o *break* e o *grafitti* e o do Basquete de Rua, além de estar sendo um elemento de intervenção no modo de praticar o basquete, vem sendo inserido no movimento através do esporte, refletindo o cotidiano da juventude pobre que vive na periferia das metrópoles mundiais. Tanto o movimento *Hip Hop*, quanto a manifestação Basquete de Rua constituem tribos urbanas no sentido de reunir jovens para o debate sobre as questões sociais nas quais estão inseridos, visto que a escola aborda de maneira sutil a discussão desses fenômenos urbanos, este tópico será discutido mais à frente.

A “cultura urbana” é a representação de grupos que expressa sua arte nas ruas, nos bairros, em espaços públicos, em resposta à exclusão social, ao racismo, ao sistema, criando novas sociabilidades. No final da década de 1970, ela passou a se confundir com o movimento *Hip Hop*, cujo estilo se reflete nas letras das músicas, na dança de rua (o *break*), nas gírias, na arte do grafite e na moda – não por acaso, inspirada no basquete americano.

Assim como o Basquete de Rua, a chamada “cultura urbana” é portadora de elementos capazes de aglutinar a juventude de maneira positiva, com enfoque na música, na dança e nas artes. Alguns movimentos sociais têm se configurado como um veículo de afirmação da identidade e da cidadania dos jovens de nossas cidades e, conseqüentemente, como instrumento de combate à violência e aos males associados à desigualdade social e ao racismo.

Considerando que cultura urbana e cultura de rua se assemelham, para melhor entendimento temos o *Rap*, *Reggae*, *Punk*, entre outras tribos que facilitam a compreensão. A globalização desses movimentos vai se caracterizando como uma cultura, que por nascer no seio da sociedade urbana com ideias de contestar o que está posto pela sociedade capitalista que promove a miséria, identifica-se como de rua. Portanto, “no decorrer das décadas, adquire status de fenômeno urbano mundial” (Pais, 2004, p.142). A construção de uma cultura urbana perpassa pela reunião de tribos urbanas constituídas por vários elementos da sociedade que de uma forma ou de outra, contribui com a reflexão sobre os acontecimentos sociais que atingem a maior parte da população pobre que vive na periferia, que, por sua vez, vem sendo desconsiderada pela minoria rica.

Contudo, consideramos juntamente com (Pais, 2004) que, a cultura da elite foi se distanciando da maioria da população, ao mesmo tempo foi se aproximando através da

produção cultural que se utiliza desse artifício capitalista para introduzir na sociedade a ideologia dominante alienando aqueles que a absorvem. Por isso, presenciamos um crescimento das tribos urbanas, que com suas re-significações e olhares diversos da realidade buscam em distintos níveis de consciência, posicionar-se na sociedade, com suas próprias contradições internas, quando consegue unir grupos de sujeitos em prol de uma determinada questão, do mesmo modo que se divide quando a questão não abrange todo o contexto do grupo.

2.3.1- As tribos e as relações sociais

As tribos como grupos de resistência e pertencimento social amplo dentro das comunidades, refletem a realidade existente nos guetos e periferias das metrópoles. Contando com muitas vertentes, essas tribos ou grupos se constituem como elementos de contestação das desigualdades sociais existentes, possuem internamente formas de discutir questões da atualidade que contribuem para reflexões acerca das relações sociais que circundam as tribos urbanas. Por conta deste movimento, Newton Duarte (2003), nos ajuda a entender,

o desenvolvimento sociocultural do indivíduo é o desenvolvimento do indivíduo histórico, portanto situado na história social humana. Para que esse desenvolvimento ocorra é necessário que o indivíduo se aproprie dos produtos culturais, tanto aqueles da cultura material como aqueles da cultura intelectual. (p.44)

Certamente, a construção de grupos, tribos, partidos políticos, etc. são frutos do desenvolvimento do indivíduo nas relações sociais, podendo ou não se apropriar de bens culturais construídos historicamente. Caso isso ocorra, a construção cultural fica comprometida.

Deste modo, observamos que as tribos se constituem de forma bastante rica como é o caso das torcidas organizadas nos estádios de futebol que se organizam com o objetivo de incentivar os trabalhadores do espetáculo esportivo. Nesse momento existe uma relação de cumplicidade entre as classes, as relações se confundem de forma que as diferenças ficam imperceptíveis. Contudo, quando as tribos são organizadas nos movimentos de resistência social, as classes se distinguem de forma clara, visto que as defesas das questões são ideologicamente distintas, pois o que se configura nesse momento é a luta entre classes, pois existem diferentes perspectivas para as tribos urbanas, apesar de todos destacarem “aspectos

simbólicos que se contrapõem ao ideário moderno como os fundados no individualismo, na identidade e na solidariedade de classe social”. (Blass, 2004 p. 216-217). Dentro desse formato de ver as tribos, muitas delas se configuram como forma de resistência ao poder das elites e, por isso, se faz necessário apontar e ocupar alguns lugares posicionando-se como sujeitos da história.

Para que se constituam sujeitos da história é necessário, a nosso ver, que sejam entendidas as contradições existentes entre as classes, no interior de cada uma delas, para que haja reflexões com o intuito de enxergar a realidade como ela é, e não como se pensa que é. Logo, se as relações dominantes expressam a cultura dominante, temos aí uma maneira de “imposição ideológica de cultura e identidade”, ou seja, introduzir outras culturas de forma intencional e “mecânica” com o objetivo de enfraquecer os processos culturais locais, consequentemente fragilizando sua identidade. Daí, ao oferecer de forma espetacular um modo de cultura que expressa ideologicamente questões de poder e status, tendo como linha de corte a questão socioeconômica, contribui grandemente com o procedimento de desenvolvimento apenas para um determinado grupo social configurando uma “falsa consciência” de condições igualitárias de acesso aos bens culturais. Dentro dessa perspectiva constatamos que os movimentos de rua, como o grafite, rap, skate, o Basquete de Rua que são manifestações que, na sua maioria, fazem resistência ao sistema do capital, são contestados e marginalizados na sociedade capitalista até o momento em que não estão inseridos como mercadoria ou espetacularização em benefício do sistema.

Assim, identificar a cultura e o seu lugar, a identidade cultural de cada povo, tribo ou região está diretamente ligado ao modo de produção da vida, ou seja, ao modo de consumo das mercadorias culturais, porque o sistema atual oferece caminhos através do mercado cultural para este horizonte, o que as tribos contra hegemônicas, que têm origem em sua ampla maioria nas periferias combatem através da cultura urbana. Cultura esta, em que o Basquete de Rua o skate, o grafite, entre outros movimentos de contestação da juventude estão inseridos.

2.3.2 - A educação não formal e as tribos

A base da educação moderna - a educação burguesa - configurou-se com a divisão em etapas da transmissão do conhecimento que foi uma das alternativas encontradas para ensinar os filhos da nobreza. Esse processo de etapas remete a um modo de aprendizagem no qual o estudante deve cumprir os programas postos e, conseqüentemente, evidenciar esses

conhecimentos adquiridos em um exame previamente marcado, do qual nem todos conseguem obter o sucesso pré-determinado pelo processo, caracterizando a reprovação e a repetência.

O processo de desenvolvimento da educação moderna transcorreu-se de forma que as transformações não ocorreram em benefício de todos, apesar do movimento da instrução pública de ensinar tudo a todos (KLEIN, 2000). Constatamos hoje que, dentre tantos modelos de ensinar tudo a todos, o fracasso foi total, pois, ideologicamente, não houve mudança na estrutura e sim uma continuidade do pensamento burguês.

Está evidente que a educação formal tem tido muitos equívocos na elaboração e na prática concreta. O abandono, a exclusão, a evasão são alguns exemplos. Portanto, é real a necessidade de trabalhar pedagogicamente noutra lógica com a perspectiva de melhora da condição de aprendizado dos estudantes, principalmente os da escola pública, que na sua ampla maioria é freqüentada pela classe trabalhadora pobre. Todavia, nem sempre foi assim, pois a escola em sua origem teve outra forma e objetivo como pontua Saviani (2008):

Escola, em grego, significa “o lugar do ócio”. O tempo destinado ao ócio. Aqueles que dispunham de lazer, que não precisavam trabalhar para sobreviver, tinham que ocupar o tempo livre, e essa ocupação do ócio era traduzida pela expressão *escola*. Na Idade Média, evidenciou-se a expressão latina *otium cum dignitate*, o “ócio com dignidade”, isto é, a maneira de ocupar o tempo livre de forma nobre e digna. (p. 95)

Como podemos verificar, a escola era um lugar para a prática do lazer, pois o conhecimento nessa época era obtido no trabalho, visto que, é com ele, o trabalho, que o homem constitui seu desenvolvimento histórico. Dessa forma, constatamos que a escola era apenas para as práticas de lazer para os filhos da nobreza.

Por conta desses equívocos apontamos como possibilidade de contribuir para a superação do modelo atual de concepção pedagógica, a pedagogia histórico crítica, pois, é “a compreensão da história a partir do desenvolvimento material, da determinação das condições materiais da existência humana”, (Saviani, 2008, p. 88), entendemos essa ser a mais adequada. Descrevemos assim, porque, de acordo com o autor, essa concepção dá-se na prática social.

A educação é entendida como o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Em outros termos, isso significa que a educação é entendida como mediação no seio da prática social global. A prática social põe-se, portanto, como ponto de partida e o ponto de

chegada da prática educativa. Daí decorre um método pedagógico que parte da prática social onde o professor e o aluno se encontram igualmente inseridos, ocupando, porém, posições distintas, condição para que travem uma relação fecunda na compreensão e no encaminhamento de solução dos problemas postos pela prática social, cabendo os momentos intermediários do método identificar as questões suscitadas pela prática social (problematização), dispor os instrumentos teóricos e práticos para a sua compreensão e solução (instrumentação) e viabilizar sua incorporação como elementos integrantes da própria vida dos alunos (catarse). (Saviani, 2008b, p.185)

Podemos fazer uma analogia entre essa formulação de Saviani com processos que acontecem no Basquete de Rua, quando transforma os elementos do basquete tradicional transgredindo-os para outra lógica de condução do jogo, coloca-se no ato da (problematização), em seguida utiliza-se dos próprios instrumentos institucionalizados do jogo para entendimento da situação que estão postos (instrumentalização) e, por fim, insere esses argumentos teóricos e práticos da vida social transformados na sua própria vida (Catarse). Não obstante, unido com o movimento *Hip Hop*, converte a lógica tradicional da relação homem/sociedade, mostra de forma explícita as dissonâncias contidas na sociedade, ou seja, busca compreender o movimento que a sociedade faz nas suas relações dominadoras sociais, econômicas e culturais. Portanto, quando o Basquete de Rua expõe as contradições que possuem no basquete tradicional, provoca uma reflexão em seus participantes - mesmo sabendo que muitos deles jogam o jogo apenas por prática do lazer -, proporcionando caminhos para contribuir com a reflexão desses sujeitos sobre a sociedade em que vivem. Cabe alertar que o Basquete de Rua não será um divisor de águas para resolver os problemas sociais que a sociedade capitalista apresenta. Porém, o contraponto que essa manifestação coloca em suas atividades remete para a reflexão sobre a reinvenção do basquete tradicional.

Para dar maior consistência ao nosso estudo e podermos continuar a análise, inclusive no que diz respeito ao processo de educação e as relações em que os grupos, tribos se relacionam e interferem na sociedade constituindo-se numa rede que liga o grupo e a massa trazemos como apoio, Maffesoli (2006).

Essa ligação não tem rigidez dos modos de organização que conhecemos. Remete, antes, a uma ambiência, a um estado de espírito, manifesta-se, de preferência, através dos estilos de vida que vão privilegiar a aparência e a “forma”. Trata-se de algum modo, de *inconsciente (ou não-consciente) coletivo* que serve de matriz à multiplicidade das experiências, das situações, das ações ou das deambulações grupais. Desse ponto de vista, é chocante observar que os ritos de massa contemporâneos resultam dos microgrupos que, por um lado, são bem diferenciados, e, por outro, formam um conjunto

indistinto e um tanto confuso; o que nos remete à metáfora orgiástica e à superação da identidade individual. (p.167).

O autor revela toda a sua pluralidade quando se refere a estilo de vida, do ponto de vista apenas pela aparência e forma, esquecendo que os grupos sociais e as tribos, que em sua maioria tem uma concepção de estilo de vida, não em relação à sua aparência e sim à sua essência, visto que a aparência nesse contexto está sendo usada como o “visual”, o que se mostra externamente, sem perspectiva de mudança dos modos de vida dominante: o consumo.

Assim, para entendermos melhor a educação nas tribos, grupos e redes traremos alguns autores para contribuir com a reflexão, uma vez que, a educação não formal tem papel importante no desenvolvimento educacional desses grupos, contribuindo com a elevação do nível de consciência da juventude.

Inicialmente, sobre o papel da escola, historicamente tem pouca discussão mesmo considerando que o “papel – ideológico, informativo, socializante, psicológico – da escola são abundantes e diversificadas, contando com longa tradição”. (Filho, 2004, p.140). Podemos também evidenciar que, apesar da importância das tribos urbanas, principalmente nas grandes metrópoles, as escolas não discutem o tema de forma mais abrangente com a juventude. Ainda com Filho (2004), a escola cria resistência na discussão do tema, “o ensino regular reflete a tensão entre a formação do indivíduo e a preparação do cidadão para papéis sociais pouco flexíveis”. (p.141).

Assim sendo, para ampliar a compreensão da educação nas tribos, grupos e analisar suas intervenções na sociedade, não somente a escola é fundamental, mas também as relações ampliadas, ou seja, o sindicato, o partido político, os movimentos sociais, as Ong’s, etc, o que caracteriza a educação não-formal. Foi nesse processo de educação que a sociedade antiga era educada. Saviani (2008) nos ajuda a entender esse processo:

(...) a escola aparecia como uma modalidade de educação complementar e secundária. Isto porque a modalidade principal de educação continuava sendo o trabalho, uma vez que a grande massa, a maioria, não se educava através da escola, mas através da vida, ou seja, do processo de trabalho. Era trabalhando a terra, garantindo a sua sobrevivência e a dos seus senhores que eles se educavam. Eles aprendiam a cultivar a terra cultivando a terra. E esse trabalho fundava determinadas relações entre os homens através das quais eles construíam a cultura e, assim, instruíam-se pelo trabalho; só a minoria tinha acesso à forma escolar de educação. A educação escolar, por sua vez, era uma forma secundária e dependente da não-escolar, que era o trabalho. (p. 95).

Com isso, enfatizamos que não defendemos a educação não-escolar como única e mais eficaz forma de educar e também, que não estamos direcionando a análise para a secundarização da escola. Entendemos sim, a importância da escola com os conhecimentos escolares clássicos. Contudo, alertamos sobre a perspectiva de analisarmos de maneira mais atenta os conhecimentos desenvolvidos fora do espaço escolar formal.

Continuando o entendimento do funcionamento da educação formal e não-formal e como estas se relacionam com as tribos, se faz necessário compreender as suas diferenças e contradições para que, desta forma, possamos intervir e superar os modelos de educação postos na sociedade.

A educação formal, que é uma das possibilidades da educação que se configura na escola, na sala de aula, ministradas por instituições públicas e privada, é apenas um caminho de educar, que, a grosso modo reproduz o sistema vigente de educação.

Porém, o que constatamos é que este tipo de educação foi no decorrer do tempo tendo mudanças, principalmente quando esta foi sendo socializada, ou seja, ofertada também à maioria da população. Saviani (2008), nos alerta para este fato:

Considerando-se que o saber, que é objeto específico do trabalho escolar, é um meio de produção, ele também é atravessado de contradição. Consequentemente, a expansão da oferta de escolas consistentes que atendam a toda a população significa que o saber deixa de ser propriedade privada para ser socializado. Tal fenômeno entra em contradição com os interesses atualmente dominantes. Daí a tendência a secundarizar a escola, esvaziando-a de sua função específica, que se liga à socialização do saber elaborado, convertendo-a numa agência de assistência social, destinada a atenuar as contradições da sociedade capitalista. (p.99)

Por outro lado,

O grande destaque que a educação não-formal passou a ter nos anos 90 decorrente das mudanças na economia, na sociedade e no mundo do trabalho. Passou-se a valorizar os processos de aprendizagem em grupos e dar-se grande importância aos valores culturais que articulam as ações dos indivíduos. (Gonh ,2008, p.92),

A autora ainda nos traz nas áreas de abrangência da educação não-formal quatro campos ou dimensões:

a) a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; b) a capacidade dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; c) a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; d) a aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, escolar, em formas e espaços diferenciados. (p. 98 e 99)

Este tópico nos faz refletir sobre a condução do respeito ao tempo pedagógico do estudante, que a nosso ver é fundamental para que haja um ajuste entre o real e o pensar, caminhando para a construção do conhecimento contínuo e gradual, não devendo acelerar o processo de entendimento dos estudantes. O que nos faz crer que o processo de seriação comete um grande equívoco quando impõe limites ao tempo de aprendizado, além de subdividir por unidades e quando o estudante não cumpre esse tempo pré-estabelecido lhe é aplicada uma punição, a não progressão para a série seguinte, ou seja, a reprovação, caracterizando uma das funções da escola capitalista.

Dessa maneira, no nosso entendimento, contribuir para a auto-organização dos estudantes construindo assim sua autonomia é de suma importância. Com isso, não estamos aqui dizendo que o papel do professor seria diminuído ou esquecido, pelo contrário, como afirma Pistrak, (2000), sobre o papel do pedagogo.

é preciso dizer francamente que, sem o auxílio dos adultos, as crianças podem, talvez, se organizarem sozinhas, mas são incapazes de, formular e de desenvolver seus interesses sociais, isto é, são incapazes de desenvolver amplamente o que está na própria base da auto-organização. (p. 181).

Assim sendo, esta forma de condução da educação transcende a sua lógica formal, colocando outra perspectiva para educar, aproximando o estudante e ao mesmo tempo aproximando as tribos existentes no espaço escolar, mesmo sabendo que não é uma tarefa das mais fáceis, principalmente quando se trata de escolas localizadas nas periferias das grandes cidades. Observamos facilmente esta condução e conflitos que são gerados no filme “Entre os muros da escola⁶”.

⁶ Filme vencedor da Palma de Ouro no Festival de Cannes 2008 e indicado ao Oscar 2009 de melhor filme estrangeiro, Inspirado no livro de François Bégaudeau, *Entre les murs*, é um drama que trata sobre questões educacionais em uma escola de ensino médio da periferia da França e as relações entre diferentes tribos que frequenta uma sala de aula, sob a **direção:** [Laurent Cantet](#) e com **um elenco de atores:** François Bégaudeau, Nassim Amrabet, Laura Baquela, Cherif Bounaïdja Rachedi, Juliette Demaille. Foi lançado no Brasil em 2009.

Contudo, se faz necessário uma intervenção mais eficaz, no sentido de conduzir as informações que são produzidas pelas tribos ou grupos, dentro da escola, a fim de se fazer entender como se processa o ato educativo e que estas ações e atitudes se constituem educação, pois o grafite, o *rap*, o *break*, assim como o Basquete de Rua fornecem elementos consistentes para a educação, uma vez que a aproximação que principalmente a juventude tem com os elementos culturais produzidos na sociedade trazem um repertório extenso, o qual possibilita crescimento e desenvolvimento do indivíduo.

Portanto, compartilhar num contexto escolar as vivências da juventude, proporciona possibilidades de reflexão, abrindo caminhos para análises de suas referências como elemento educacional.

2.3.3 - A sala de aula e a rua – espaços de conhecimento

Diferenciar os espaços de conhecimento como a sala de aula, - característico da educação formal, apesar de não ser o único -, e a rua, perpassa por diferenciar educação formal, não-formal e informal.

Para isso, recorreremos mais uma vez a Gonh (2008), que nos mostra algumas dimensões da educação, a “escolar, formal, oficial, desenvolvidas por escolas, ministrada por entidades públicas ou privadas, é abordada como uma das formas da educação”. (p. 98), é a forma mais evidenciada e entendida por grande parte da sociedade como a verdadeira educação. A educação formal está diretamente ligada aos conteúdos institucionalizados, à escola, há um tempo pré-estabelecido, a uma dinâmica sistemática e rígida para todos os estudantes o que favorece a repetência e a exclusão.

Na educação não-formal a autora nos mostra campos onde o que nos interessa são os da

(...) “aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários”. E, o (...) “da aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, escolar, em formas e espaços diferenciados. Aqui o ato de ensinar se realiza de forma mais espontânea, e as formas sociais organizadas de uma comunidade têm o poder de interferir na delimitação do conteúdo didático ministrado bem como estabelecer as finalidades a que se destinam àquelas práticas”. (p.99)

Na educação não-formal existe uma dinâmica diferenciada onde os espaços nos quais se desenvolvem as atividades são múltiplos, permitindo o crescimento da criatividade, existe

uma intencionalidade dos sujeitos. É nessa forma que podemos incluir o movimento *Hip Hop* e o Basquete de Rua.

Diferentemente das anteriores “a educação informal decorre de processos espontâneos ou naturais, ainda que seja carregada de valores e representações, como é o caso da educação familiar”. (p.100). e continua nos alertando que a educação informal difere da educação não-formal, “achamos que essa terminologia e classificação são incorretas, pois trabalha-se com o paradigma bipolar onde existe apenas dois tipos de aprendizagem a escolar e a não – escolar”.

Portanto, podemos classificar a sala de aula como um espaço formal e a rua espaço tanto informal como não - formal de socialização do conhecimento, visto que, a lógica interna destas duas formas de educação pressupõe um modo não rígido de aquisição do saber. Assim,

a formação do indivíduo é, portanto, sempre um processo educativo, mesmo quando essa educação se realiza de forma espontânea, isto é, quando não há a relação consciente com o processo educativo que está se efetivando no interior de uma determinada prática social. (Duarte, 2003, p. 33).

Mesmo assim, ambos produzem um conteúdo importante para o desenvolvimento do indivíduo, apesar de suas contradições.

Contudo, vemos com Freire (1996) que a socialização de vários modos, sentidos e significados que a escola possui são negligenciados.

É uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja negligenciado. Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber. (p.43)

Assim, o conhecimento não está sendo explorado em sua diversidade com ênfase nas experiências de vida de cada estudante, nem como ele se relaciona com o meio onde vive. O trato com o conhecimento é direcionado para o contexto com o qual esse estudante não consegue fazer relação com a realidade. Então, o exercício que nós educadores poderíamos fazer seria verificar como nossos conhecimentos foram influenciados pelas relações sociais que tínhamos no período escolar e fora dele. Pois, continuando com Freire, (1996),

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas,

nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação. (p.44).

Mesmo com sua diversidade e significados distintos, verificamos a importância do trato com o conhecimento em múltiplos espaços.

Desse modo, faremos uma reflexão sobre a educação não-formal, pois, além da sua intencionalidade, nos permite também entender de forma ampla os movimentos que são desenvolvidos nas relações sociais no seio da sociedade.

Os movimentos sociais que se destacam por reivindicar questões que são negadas às comunidades pobres dos grandes centros urbanos são um exemplo. Apesar do Basquete de Rua ser uma manifestação específica e nascida na rua, possui elementos que contribuem e corroboram para a educação dos sujeitos que com ele se relaciona. Destarte, Freire (1996) nos ajuda a entender que,

Toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter *diretivo*, objeto, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua *politicidade*, qualidade que tem a prática educativa de ser *política*, de não ser neutra. (p.69-70)

Entretanto, o Basquete de Rua como um fenômeno esportivo e uma manifestação de rua que vem sendo inserido pelo esporte em um movimento de resistência e luta social possuindo características particulares da educação não – formal, como a possibilidade de criação de novos conhecimentos. De acordo com Gonh (2008, p.103), quando coloca que, “é a experiência das pessoas em trabalhos coletivos que gera um aprendizado”, fortalece a nossa investigação por acreditarmos que coletivamente se constrói um rico e vasto repertório de conhecimento útil para toda a vida.

Um dos supostos básicos da educação não-formal é o de que a aprendizagem se dá por meio da prática social. (...) A produção de conhecimentos ocorre não pela absorção de conteúdos previamente sistematizados, objetivando ser apreendidos, mas o conhecimento é gerado por meio da vivência de certas situações-problema. (idem, ibidem)

O movimento Hip-Hop, uma cultura que cresce nas periferias das grandes cidades, tem se reinventado em cada metrópole, de acordo com a realidade de cada grupo, de acordo com as situações que cada comunidade apresenta e necessitando de soluções. Esses grupos se comunicam interagindo e mostrando o que cada comunidade revela de novo e semelhante. Ao mesmo tempo, em que a cultura da juventude se desenvolve criticando a educação formal, que se coloca como mercadoria para a cultura industrial, como afirma Filho (2004),

a cultura jovem, embora tenha surgido como crítica à educação formal e aos padrões culturais estabelecidos, é absorvida pela industrial cultural norte americana, que se desenvolvia rapidamente, e se voltou para a emergente cultura da juventude, estimulando seu consumo, comercializando-a, divulgando-a e tornando-a internacional.(p.129)

Com essa forma de conduzir a realidade social, os grupos que criticam a sociedade individualista, violenta e carregada de miséria percorrem de maneira incisiva o caminho para a construção de outra forma de educar, diferentes da educação formal. Encontramos novos modos e modelos de educar em ONG's, Igrejas, Centro comunitários, etc.

Visto isso, a construção cultural que a escola tradicional insiste em fortalecer permite que façamos nossa observação a partir da necessidade de aproximar a escola da comunidade, contribuindo com a educação, ou seja, “romper os muros culturais da escola significa, portanto, resgatar o significado social e emancipador do conhecimento, compreendendo-o como inerente à prática social real dos sujeitos que interagem com a escola”. (Azevedo, 2007, p.193).

A rua como espaço urbano da sociedade moderna é constituído por múltiplas facetas, tribos, grupos, etnias, identidades, etc. Produzem ideologias distintas onde caracterizam a formação cultural de cada corrente ou sujeito. A educação, ao longo dos tempos, foi transmitida diferentemente entre ricos e pobres. Este último, portanto, sempre esteve em colocação diminuída. Por conta disso, os pobres, os sem direito à educação, foram construindo sua própria maneira de entender o movimento das relações sociais que eram postas para eles. Dessa forma, a compreensão de como se estabelecia e se estabelece até os dias atuais as relações entre grupos sociais, foram tomando um caráter mais contestador e ao mesmo tempo se tornando uma forma de educar aqueles que não tinham acesso à educação formal. Portanto, as formações de laços culturais foram sendo construídos dentro desses grupos. Entendendo a condição de compreensão da concepção de mundo, vejamos o que nos traz Azevedo (2007), apoiado em Gramsci.

Admitir que todos os homens são portadores de concepções de mundo significa também considerar que todos os homens são portadores de conhecimentos, de saberes gerados pela criação cultural da produção da existência. Isso significa ainda considerar que fora do espaço escolar preexiste um conhecimento produzido pela vida comunitária. Esse conhecimento, fruto do viver cultural, da experiência, adentra as escolas com seus portadores. E então, voltamos à questão inicial. Ou a escola desconhece esse conhecimento e tenta ensinar com base no raciocínio especulativo, idealista, do conhecimento como substância de conceitos e categorias que preexistem e são externas ao mundo real, porque são consideradas como a própria realidade, ou a escola parte da articulação do conhecimento da vida com o conhecimento sistematizado, orgânico e coerente. Neste caso, trata-se de construir o conhecimento a partir do “senso comum” apoiando-se no que Gramsci chama de “núcleo racional do senso comum”, ou “bom senso” como caminho de produção de um “senso comum diferenciado”. (p. 196)

Vemos, portanto que, o que se produz na rua como conhecimento, mesmo sem intenção caracteriza educação, seja ela não formal ou informal. Mas também, temos que ter atenção e cuidado com as questões do senso comum, pois é preciso sua superação para a transformação em conhecimento científico. “A produção do conhecimento dá-se no processo de transformação da curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica. A curiosidade ingênua é a que caracteriza o senso comum”. (idem, p. 202)

Assim, a cultura está inserida como ferramenta principal no processo de transformação social, ao passo que a cultura popular que tem origem na rua, assim como o Basquete de Rua, revela da periferia para o centro o seu caráter de resistência social. “A cultura popular assume, portanto, uma concepção estratégica, parte do processo de busca de mudanças e transformações sociais”, Gohn (2008, p.43). O Basquete de Rua vem aos poucos, apesar da intervenção da mídia e do poder capitalista, se mostrando como parte da cultura popular da periferia juntamente com o *Hip Hop* e o Rap, por retratar a realidade, obtendo assim relevância no seio da juventude dos bairros pobres, principalmente.

Logo, a cultura popular, os movimentos sociais, a rua entre outros, não podem perder seu principal eixo que é a resistência, pois, correrá o risco de reproduzir os interesses sociais dominantes. Inserir-se nos debates sobre questões sociais é fundamental para a manutenção da luta em prol de outro modo de produzir a vida, ao mesmo tempo em que, a discussão nos debates políticos mais amplos, devem ser socializados e discutidos nos movimentos de resistência urbana, fortalecendo assim o conhecimento que a educação formal não costuma realizar.

3 – O BASQUETE DE RUA

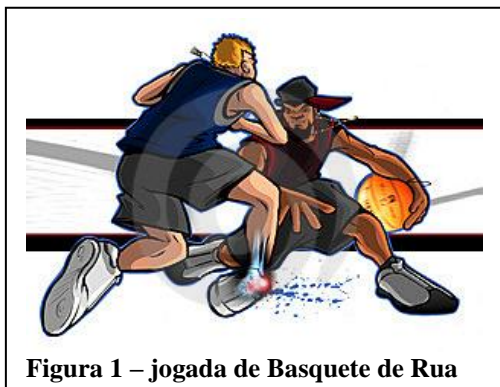


Figura 1 – jogada de Basquete de Rua

O Basquetebol foi criado nos Estados Unidos por James Naismith em dezembro de 1891, sendo aos poucos se transformando e se consolidando como esporte, obtendo um significado especial nesse País. A prática do basquetebol pela sociedade americana foi, a cada dia, se desenvolvendo tornando-o popular. Porém, a institucionalização da atividade provocou contradições na popularização da prática, do tipo, a

necessidade de praticar com dez participantes, a altura da cesta, o local da sua prática, entre outros. Assim, a sociedade, mais precisamente as comunidades da periferia americana, principalmente os negros, foram ao longo dos anos interferindo nas suas normas e forma de jogar, buscando outras possibilidades para a prática esportiva, de tão significativas que foram as mudanças que hoje se evidencia um modo distinto e alegre de se jogar o Basquete, denominado *streetball*, ou seja, Basquete de Rua.

O termo *streetball* está associado à cultura da juventude, tem uma conexão com a imagem do gueto, que, por sua vez, tem ligação com a música, em especial o *Rap* e o movimento *Hip Hop*. O Basquete de Rua, que é uma mescla de música, dança e esporte, é a transformação do basquete de quadra, uma adaptação às condições dos grupos que o pratica, vem se desenvolvendo no Brasil, na periferia dos grandes centros do país.

A manifestação surgiu nos quintais de grandes cidades americanas, mais precisamente nos guetos nova-iorquinos, entre as comunidades mais pobres dos Estados Unidos, pois os jovens que não tinham quadras nem ginásios para jogar, tinham o intuito de buscar um futuro melhor. Vale ressaltar que são poucos que conseguem essa façanha, realidade esta, não muito diferente dos jovens brasileiros.

A maior e mais famosa equipe de Basquete de Rua norte americana é a AND1, que além de patrocinar o espetáculo esportivo, seleciona os melhores jogadores dos Estados Unidos da América e promove uma turnê com jogos de *streetball* por todo o mundo, popularizando, assim, a prática do *streetball* e sempre acompanhado dos elementos do *Hip Hop*. Dessa forma, vão seguindo os passos do grupo mais famoso do mundo quando se fala em basquetebol, os *Globetrotter*, em 2008, a And1 veio ao Brasil jogar na cidade de Brasília – DF.

E no Brasil, não muito diferente foi criada a atividade, *Globetrotter* brasileiro, pois o desejo e a insistência em popularizar o Basquete de Rua é tamanha, que a CUFA Rio, em 27 de fevereiro de 2010 realizou uma clínica para escolher o Harlem Globetrotter Brasileiro, com o seguinte chamado:

Quer ser o Globetrotter Brasileiro?

É neste sábado!

CUFA Rio promove clínica para concurso Globetrotter Brasileiro



Quem é que nunca sonhou em se tornar um astro internacional e viajar pelo mundo mostrando o seu talento? Pois este sonho está muito próximo de se tornar realidade... E a CUFA ainda vai te dar uma força!

É o concurso "Globetrotter Brasileiro". Para participar basta comparecer neste sábado (27/02), das 11 às 16 horas, no Centro Esportivo e Cultural da CUFA – que fica embaixo do viaduto Negrão de Lima, em Madureira – para fazer sua apresentação. Esta apresentação (de, no máximo, um minuto) será filmada por uma equipe da CUFA, que enviará seu vídeo para o pessoal do Globoesporte.com. Depois é só torcer e aguardar o resultado que sai em abril! Não precisa ter experiência! Não precisa pagar nada! Basta treinar bastante e boa sorte!!!

(disponível em <http://www.liibra.com>), acesso em 10 de fevereiro de 2010, às 20:26min.

Assim, esta iniciativa mostra de maneira explícita como o Basquete de Rua está relacionado com a cultura hip-hop e não com o movimento hip-hop, uma vez que está voltada para a promoção comercial, a mercantilização e mercadorização da atividade, mesmo com o apoio da mídia privada sem cobrar nenhum valor, como a própria chamada evidencia, mas, aponta para a obtenção de lucro através dos aparatos esportivos mais sofisticados que são apresentados no evento.

3.1- O BASQUETE DE RUA E A MANIFESTAÇÃO DO HIP-HOP

O Basquete de Rua tem uma linguagem própria, tem seus significados e significações, é uma mistura de música e esporte, jogo e brincadeira transformando e produzindo novos modelos e estilos de vida, entre os que praticam e convivem com essa manifestação. As evidências nos mostram a relevância dessa manifestação na sociedade, pois se configura um novo modo de lidar com o esporte, interferindo nas suas normas tradicionais, ou seja, reinventando-o. A reinvenção perpassa por novas possibilidades de trato com o esporte na escola, construindo novos olhares para a educação, não só dos conteúdos formais, mas também dos conteúdos não formais, advindos das relações sociais. Para jogar Basquete de Rua, o importante é ter atitude – tanto no jogo quanto na maneira de vestir. Basta apenas uma bola, uma cesta e alguém que aceite o jogo. O Basquete de Rua tem como característica a liberdade de criar e improvisar jogadas espetaculares. É a continuação do basquete de quadra, onde são valorizadas, principalmente, a habilidade e criatividade de cada participante. Com regras menos rígidas do que o jogo de quadra, o Basquete de Rua pode ser jogado com qualquer tipo de formação; desde o 1 contra 1 até o 5 contra 5, embalados ao som do rap. No Brasil o modo mais conhecido é o 3 contra 3, formato realizado nos Jogos Olímpicos da Juventude. A CUFA (Central Única das Favelas) insere o 4x4 nas competições internacionais que realiza.

No universo dos grupos que praticam o Basquete de Rua selecionamos algumas palavras que são usadas de maneira corrente. É um levantamento feito por Celso Athayde e publicado no site da Central Única das Favelas. (www.cufa.org.br)

Afrouxar: Dar moleza.

Água de salsicha: Jogo ruim.

Apagado: Jogador que não fez nada, foi muito marcado.

Apagão: A jogada em que o atleta cobre a cabeça do outro com a camisa.

Apagar: Marcar muito um jogador, não deixá-lo evoluir em quadra.

Aqui não!!!: Toco.

Bagunçar: Esculachar, humilhar o adversário.

Barulho: Aplausos da Torcida.

Bater a carteira: Roubar a bola do adversário.

Bate-bola: Jogador que só dribla e não marca pontos.

Bebezão: Jogador que reclama de tudo.

Bicho: Jogador que ignora a marcação, nas enterradas.

Chapa quente: Jogo muito disputado.

Coca-Cola: Jogador ruim, que só tem pressão.

Coquinho: Quando o jogador bate com a bola na cabeça do seu adversário.

Cravada: Enterrada.

Dançar: Ser envolvido pelas manobras do adversário.

Entorta o Pé: Deixar o adversário no chão com um drible.

Espinha: Quando o jogador esconde a bola nas costas do adversário.

Espremedor de laranja: Dar um toco e prensar a bola na tabela.

Estilizo: Jogador que tem swing no jogo, e as roupas caem bem nele.

Freestyle: Movimentos livres feitos pelos jogadores.

Jogo de comadre: Jogo sem marcação, no qual todos fazem cesta.

Jogo de Futebol: Partida com poucos pontos.

Jump shot: Arremesso.

Ligação direta: Quando o jogador passa a bola para outro que está muito distante dele.

Mamão com açúcar: Quando o adversário é muito fraco.

Mano a mano: Quando um jogador chama o outro pra "dançar", na intenção de desmoralizá-lo.

Marrento: Jogador com muita pose.

Mascarado: Jogador metido a bonzão.

"Meu Deus": Expressões muito utilizadas pelo MC Max e que já é referência no Basquete de Rua.

Mr. M: Quando o atleta simula que passou a bola adiante e esconde-a entre as pernas.

Na Cabeça: Enterrada sobre marcação do adversário.

Na Cara: Cesta feita com marcação do adversário.

Pancadão: Perder ou vencer por uma diferença muito grande de pontos.

Pedra: Quando o DJ solta um som muito bom.

Pega-pega: fazer marcação homem a homem (ou mulher a mulher).

Ponte aérea: O jogador recebe um passe no alto quando está indo em direção a cesta e o completa com uma enterrada.

Se Liga: Quando o Jogador atira levemente a bola na testa do seu marcador.

Sem braço: Jogador muito ruim.

Seu Boneco: Quando o jogador esconde a bola na camisa.

Sinistro: Jogador muito bom.

Socada: Enterrada.

Tomar um sprite: Errar a cravada, prensando a bola no aro.

Traz o Troco: Quando o jogador finge que vai arremessar enganando o adversário fazendo-o pular.

Trombadinha: Jogador que rouba a bola do adversário.

Varrer: Dar um chega pra lá no adversário, expulsá-lo da sua área.

Esse tipo de linguagem que tem característica singular na manifestação, os sujeitos envolvidos com o Basquete de Rua entendem os códigos utilizados.

Analisar as características da reinvenção do basquete tradicional, ou seja a mudança na forma de jogar, perpassa por inúmeras condições de pensarmos o esporte rendimento, esporte educacional e esporte lazer como enfatiza Tubino(2001), pois o modelo de esporte recriado na rua proporciona muito mais prazer a quem participa da atividade. Recriar, refazer, reinventar o esporte de acordo com a proposição de Assis (2001) quando nos mostra as várias formas e modelos de mudanças do esporte na escola, “compreendida como instituição com características repordutoras da sociedade atual, mas também como espaço de produção de contra-hegemonia, de contracultura, onde se inclui um esporte transformado.” (p. 196).

Todavia, ainda possuindo um modo de reivindicar as questões culturais e sociais se aproximando e se inserindo nos movimentos de resistência urbana, o Basquete de Rua vem se encontrando e se identificando nos locais, grupos ou tribos para se colocar como elemento próprio de manifestação, com a proximidade e afinidade com o *Hip-Hop* se inserindo como uma via esportiva no movimento, atraindo ainda mais adeptos, ao mesmo tempo contribui para a construção da consciência social e cultural da juventude, em particular.

3.1.1 – O HIP HOP

O termo *Hip-Hop* foi criado pelo Dj África Bambaata, no Bronx, Estados Unidos, apesar de não ter sido o primeiro DJ famoso de Nova York , ele teve uma sensibilidade em perceber o que a batida trazia para a juventude norte americana, como a dança popular era saltar (HOP) e usar o movimento do quadril (HIP), surgiu o termo *Hip Hop*. Hoje, ele é considerado o pai do *Hip Hop*.

Foi no início da década de 80 que o *Hip Hop* chegou ao Brasil através das equipes de baile, das revistas, dos discos, filmes, vídeo clipes e programas de TV. O movimento tem dois pilares a atitude e a consciência, e desempenham papel social importante nos segmentos marginalizados e daqueles que se identificam com sua cultura, pois vê a realidade e age para transformá-la. (Richard, 2005).

Esse movimento tem tido aceitação entre a juventude, pois tem uma mistura de elementos que possibilitam maior interação entre as comunidades, as tribos. O movimento Hip-Hop inicialmente era composto por 4 elementos – *MC, DJ, Break(B.Boy's e B. Girl's) e o Graffiti*.

O **MC** é o mestre de cerimônia ou *rapper*, é também chamado assim por colocar letra nas melodias que o DJ toca.

O **DJ** é o que coloca a música dando ritmo à letra. È ele que comanda o mixer ou toca-discos. Em Salvador destaca-se o DJ Branco, uma expressão do *Hip-Hop* baiano, pois sua dedicação coloca Salvador no cenário Nacional do hip-hop com um programa exclusivo no estilo na Bahia, *Evolução Hip-Hop* exibido na emissora de rádio estatal, Educadora FM.

O **Break** composto por *B.boy's e B.girl's* é uma dança que tem origem africana e que sofreu modificações pelos porto-riquenhos e afro-americanos, com o objetivo de fazer uma crítica à guerra do Vietnã, imitavam os soldados que retornavam mutilados do combate e os helicópteros.

No Brasil, conforme Oliveira (2007), um nome importante da difusão da dança, “Nelson Triunfo foi o grande responsável por levar o estilo break para as ruas. Homem negro e de origem pernambucana, Triunfo formou o grupo *Black Soul Brothers*, e logo em seguida o destacado Funk & Cia”.(p.33)

O **Graffiti** vem do italiano *graffiti*, plural de *graffito*, que significa “escrita feita com carvão”, e a modalidade de expressão artística que ela indica remonta à época do Império Romano. No final da década de 1960, jovens do bairro nova-iorquino do Bronx restabeleceram esse gênero de arte, agora não mais com carvão, mas com tintas *spray*, criando uma forma de demonstração colorida e muito mais rica, tanto visualmente quanto no conteúdo das mensagens. É uma arte visual que espalha insatisfação e reivindicação política próprio do movimento *Hip Hop*. Importante frisar que o graffiti é diferente de pichação, apesar de usarem o mesmo espaço urbano, pois grafitar conforme Gitahy (1999, p.77) “aceita dialogar com a cidade de forma interativa”. Ao mesmo tempo em que a pichação não transmite nenhum traço de arte, nem de reivindicação como é peculiar e referência no graffiti. “Estabelecer que graffiti e pichação sejam a mesma coisa, sancionando lei igual, desconsiderando o percurso de luta e reconhecimento do graffiti, é, no mínimo, não inteligente, arbitrário”. (idem, ibidem).

Como vemos, o Basquete de Rua não se insere como elemento do movimento *Hip Hop*. Pois ainda não há um consenso sobre o quinto elemento. Para o África Bambaata, em uma palestra proferida em Salvador, no dia 16 de abril de 2010, em comemoração aos 35 anos

do movimento *Hip Hop* e 16 anos do movimento na Bahia, coloca que o elemento mais importante do movimento *Hip Hop* é a consciência, o conhecimento, classificado como o quinto elemento desse movimento. Porém, não há um consenso nessa afirmação, principalmente no Brasil, visto que o conhecimento está em toda a parte, em todos os lugares sejam eles formais, não formais, ou informais, pois existem ainda alguns grupos, tribos que classificam o Basquete de Rua como o quinto elemento do movimento *Hip Hop*, a exemplo da CUFA. Uma das coordenadoras nos diz sobre o quinto elemento, “*o Basquete de Rua tem uma ligação com o Hip Hop, ai o Basquete de Rua entrou como mais um elemento do Hip Hop, ai fecha o ciclo, na verdade*”. E continua dizendo sobre os elementos do *Hip Hop* com a visão da instituição: “*os elementos do Hip Hop são o break, o Mc e o DJ, o grafiti, o Basquete de Rua e está entrando agora também o skate e as trançadeiras*”.

O Estado se posiciona com uma postura de difundir a cultura *Hip Hop* com editais, prêmios, etc. Em 2010, foi lançado um edital, **Prêmio Cultura Hip Hop 2010 – Edição Preto Ghóez**⁷ em homenagem póstuma ao músico maranhense Márcio Vicente Góes (1971-2004), o rapper Preto Ghóez, um dos líderes do Movimento Hip-Hop Organizado do Brasil (MOHOB). O prêmio é uma realização das Secretarias da Identidade e da Diversidade Cultural (SID) e de Cidadania Cultural (SCC) – do Ministério da Cultura -, em parceria com o Instituto Empreender e a Ação Educativa, com o objetivo de selecionar ações e experiências de fortalecimento da Cultura *Hip Hop* em todo o Brasil.

Foi destinado de cerca de R\$ 1,7 milhão para 135 iniciativas de pessoas físicas, instituições e grupos informais nas seguintes categorias: *Reconhecimento, Escola de Rua, Correria, Conhecimento (5º elemento) e Conexões*.

Dentro das categorias expostas no edital verificamos que a educação tem papel importante para a difusão e reconhecimento do movimento, o esporte se lança de forma sutil, através da dança, mas não com pouca importância, visto que é um dos elementos do movimento *Hip Hop*, todas se referem à educação de maneira não-formal. Contudo, ponderamos que a apropriação da cultura é dada por meio da transmissão dos conhecimentos clássicos, as categorias do prêmio Preto Ghóez, remetem à compreensão desses clássicos, pois o grafiti e a música têm relação com as artes, por exemplo.

A força da periferia, dos guetos, da juventude, das comunidades pobres excluídas do que é produzido culturalmente pela humanidade, inibindo o seu desenvolvimento e acesso aos

⁷ Ver em www.premiohiphop.org.br

bens culturais, está presente na fala do Ministro da Cultura Juca Ferreira⁸, assim como a educação não-formal que se insere na cultura *Hip Hop*, está sendo efetivada, quando do reconhecimento da valorização e da necessidade que as pessoas têm para o desenvolvimento humano, formação humana através da cultura e o reconhecimento da sua identidade, pelo que produz e enriquece nos seus espaços em condição degradada e sem infra-estrutura básica para a sobrevivência.

Apesar de não está inserido como uma das categorias do edital do prêmio *Hip Hop*, reconhecemos que o Basquete de Rua de maneira tímida se configura como um componente importante para o fortalecimento do movimento *Hip Hop*, por estar inserido nas ações e atividades do movimento *Hip Hop* pelo esporte, que, por conter uma relação direta com as atividades culturais ligadas à periferia, ao gueto, ao povo pobre, à juventude, a afinidade entre os praticantes do Basquete de Rua e os do movimento *Hip Hop*, vem crescendo e tendo visibilidade dentro e fora dos eventos produzidos por ONG's e outros organismos que se interessam pela cultura de rua. Há ainda os movimentos de origem popular que possuem características marcantes em busca de outra forma de convívio social, ou seja, uma nova maneira de lidar com a sociedade no sentido, não de aceitá-la do jeito que é imposto e sim numa nova lógica de ser cidadão crítico e intervindo na busca da emancipação humana.

3.2- O Basquete de Rua no Brasil

No Brasil alguns estados estão desenvolvendo a prática do Basquete de Rua que pouco a pouco se espalha por todo o país como uma manifestação e cultura da juventude. No Rio de Janeiro existem alguns órgãos não governamentais que desenvolvem o Basquete de Rua - A (LUB)⁹ Liga Urbana de Basquete, (Figura 2), que se preocupa com a área social, ao mesmo tempo em que delimita os espaços do jogo, a (CUFA)¹⁰, que tem uma intervenção mais direta na periferia e que ano a ano desenvolve atividades no viaduto de Madureira, periferia do Rio de Janeiro, proporcionando maior visibilidade à atividade visto que existe uma filial por todo

⁸ Ver em <http://www.cultura.gov.br/site/2010/04/12/entrevista-com-ministro-da-cultura-sobre-o-premio-preto-ghoez-e-o-valor-da-cultura-hip-hop-no-brasil/>

⁹ A LUB é uma organização sem fins lucrativos com definida gestão profissional. Fundada em agosto de 2004 no Rio de Janeiro, a LUB tem como foco o desenvolvimento do basquete, do praticado nas ruas. Seus conceitos são: a solidificação de uma cultura de solidariedade; a mobilização permanente pela paz; e o estímulo aos valores positivos associados ao esporte e ao espírito de grupo. Sua visão de futuro é proporcionar o desenvolvimento do basquete, formando parcerias e viabilizando junto ao público-alvo atividades sociais, educacionais e esportivas.

¹⁰ Central Única das Favelas desenvolve projetos esportivos e educacionais nas favelas e o basquete de rua é um dos pontos de destaque deste projeto. Criada por Celso Athayde e pelo cantor de Rap MVBill, na cidade do Rio de Janeiro É criador da primeira Liga Brasileira de Basquete de Rua (Libbra) e das Seletivas Estaduais de Basquete de Rua (Sebar).

canal fechado. E em 2007, teve a inclusão no calendário oficial dos Jogos Pan-Americanos, disputado no Rio de Janeiro. E, em 2001 houve uma proposta de criação dos Jogos Olímpicos da Juventude¹³ para jovens entre 14 e 18 anos de idade, com o objetivo de formar atletas para os Jogos Olímpicos dos adultos. Com a intenção de se aproximar das práticas culturais que a juventude se relaciona, o modo de jogar o basquetebol foi alterado para as condições e interesse da juventude, isto é, normatizou o *streetball*. Com a escolha do Comitê Olímpico Internacional para o basquete, percebemos a intencionalidade utilizar o Basquete de Rua, com a vertente de mercadoria, institucionalização, visto que as possibilidades de aceitação dessa manifestação na juventude são reais, as periferias no mundo inteiro confirmam os dados. Além disso, o Basquete de Rua nos Jogos da Juventude tem como particularidade, três tempos de cinco minutos ou 33 pontos o que ocorrer primeiro, para terminar o jogo, além de ser jogado apenas com uma cesta, ou seja, meia quadra. Ainda para corroborar com a reflexão selecionamos algumas imagens (figura 3), que, em sua maioria, são de jogadas sensacionais, considerada a mais espetacular do jogo, a enterrada.



Figura 3 – Jogadas do Basquete de Rua - Enterrada

Na observação das imagens notamos que os movimentos de colocar a bola na cesta estão em todas as imagens colocadas com plasticidade. Vale evidenciar que são imagens desenhadas, portanto, com uma intencionalidade na transmissão da mensagem. Outro ponto a ser observado é que as imagens remetem à ideia de jogadores negros que em sua maioria vivem na periferia das grandes metrópoles.

As imagens criadas com traços característicos do *grafitti* evidenciam como o Basquete de Rua está mais próximo da cultura *hip-hop* que do movimento *hip-hop*.

¹³ Os Jogos Olímpicos da Juventude foram propostos pelo presidente do Comitê Olímpico Internacional, Jacques Rogge, pouco depois de assumir o posto, em 2001. A primeira edição dos Jogos Olímpicos da Juventude acontecerá em Cingapura. Aproximadamente 3.500 atletas entre 14 e 18 anos irão participar do evento em 27 modalidades esportivas. O Brasil irá competir com uma delegação formada por 81 jovens. Nos Jogos de Cingapura, não haverá quadro oficial de medalha dividido por países, como é o usual em Olimpíadas adultas. Com isso, o COI quer ressaltar o caráter formador da Olimpíada de Juventude, deixando rivalidades um pouco de lado. Mas com algumas especificidades. No basquete, por exemplo, o *streetball* foi a versão escolhida. Disponível em <http://rederecord.r7.com/cingapura-2010/os-jogos/>, acesso em 28/08/10, às 15:39min.

A comercialização de equipamentos, roupas, bonés, tênis, shorts, camisetas, são alguns exemplos que podemos tomar para refletirmos sobre a investida do capital no esporte recriado na rua.

No sentido de analisar como a lógica do basquete tradicional, principalmente nos Estados Unidos e no Brasil, pode estar sendo absorvida pelo Basquete de Rua, verificamos como as atividades realizadas nesses países têm características elitistas, onde a participação popular que tem força nessa manifestação vem sendo diminuída com intervenções de espírito competitivo e comerciais, pois, quando os aparatos começam a ser industrializados em grande escala para consumo da população dando início à massificação, popularização e espetacularização do esporte nos moldes profissional em benefício do capital, torna o Basquete de Rua mais uma indústria do entretenimento. Se entendermos a indústria cultural como coloca (Freitas, Helal e Pizzi, 2004), quando remete a reflexão sobre a utilização da cultura como um produto de consumo, mercadoria e o homem como objeto de consumo com a antítese da Arte. “Se para a “indústria cultural” o homem é mero objeto de trabalho e consumo, na arte é um ser livre para pensar, sentir e agir”. (p. 115). A atualidade nos mostra que a arte, apesar de possuir essa liberdade, se encontra cercada de armadilhas da indústria cultural, pois o que antes era considerado lazer, isto é, uma arte vem ao longo do tempo tornando-se mecanismo de manipulação. Assim a NBA (*National Basketball Association*) no Estados Unidos da América e o NBB (Novo Basquete Brasil) no Brasil tratam seus torneios direcionados para grandes promoções comerciais e mais uma vez o capital vem se apropriando das atividades nascidas e criadas ou recriadas na rua.

A relação entre o fetiche do basquete tradicional e o Basquete de Rua nos remete a pensar como se aproximam as características de espetacularização e promoção do esporte como mercadoria, assim nos diz Marx (1985).

Objetos de uso se tornam mercadorias apenas por serem produtos de trabalho privados, exercidos independentemente uns dos outros. O complexo desses trabalhos privados forma o trabalho social total. Como os produtores somente entram em contato social mediante a troca de seus produtos de trabalho, as características especificamente sociais de seus trabalhos privados só aparecem dentro dessa troca. Em outras palavras, os trabalhos privados só atuam, de fato, como membros do trabalho social total por meio das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio dos mesmos, entre os produtores. Por isso, aos últimos aparecem as relações sociais entre seus trabalhos privados como o que são, isto é, não como relações diretamente sociais entre as pessoas em seus próprios trabalhos, senão como relações reificadas entre as pessoas e relações sociais entre as coisas. (p.71)

Assim, o Basquete de Rua se apresenta nas comunidades mostrando a distinção de condições na sociedade, pois se insere nos espaços públicos, praças, largos, etc. com o perfil desafiador e contestador da realidade a qual pertence. Desafiador por mostrar perante a sociedade a sua irreverência e estilos, no modo de vestir, andar, jogar, falar, e contestador quando demonstra as infinitas possibilidades de interferências e mudanças nas regras do jogo, provocando novos olhares para quem pratica, quando interfere com uma postura firme negando os preconceitos estereotipados pela sociedade, além de se colocar como resistência à forma mercadológica que o capital coloca o modo de produção da vida. Enquanto que o basquete tradicional com suas regras rígidas e com um jogo padronizado, demonstra poucas possibilidades de contestação à realidade social que circundam os espaços privados onde ocorrem as práticas na maioria das vezes. Como também se coloca como um produto privado, isto é, uma mercadoria em exposição nas diversas formas e modelos onde estão postas as condições de negócios. Ex: competições de vários tipos: municipais, estaduais, federal e até mesmo em âmbito escolar.

Sendo considerada uma manifestação com tendências de resistir aos modelos esportivos que a realidade apresenta para uma determinada classe, nos preocupa a possibilidade do desaparecimento do Basquete de Rua enquanto prática de resistência e tornar-se mais um produto da chamada “mercadorização do esporte”, pois as normatizações da manifestação indicam e remetem à esportivização e à comercialização da atividade.



Figura 4 – Game de Basquete de Rua

Exemplo evidente está na foto de um vídeo game (figura 4) que coloca todos os ingredientes necessários para caracterizar o Basquete de Rua e assim vender o produto para consumo dos jovens. Buscando uma análise da foto, constatamos: a) próximo ao placar o

nome “*Street basketball*”, ou seja, Basquete de Rua; b) uma quadra pública, próximo a um condomínio de classe pobre americana; c) papéis e latas ao redor da quadra; d) e uma questão importante para o debate uma dupla de garotos negros contra uma dupla de garotos brancos. São apenas algumas observações que podemos fazer sobre a foto e como o mercado se apropria de uma manifestação recriada na rua e traz para o consumo e, conseqüentemente, a obtenção de lucro. Além de enfatizar a diferença racial em jogos eletrônicos, ou aparatos de comercialização fácil para a grande população.

Nos Estados Unidos a “And1”¹⁴, é o maior promotor comercial dos aparatos esportivos do basquetebol, além de promover atividades esportivas de rua, promove o Basquete de Rua pelo mundo. No Brasil a Nike americana vem se aproximando da cultura de rua como o graffiti, o skate, o Basquete de Rua através da CUFA, pois em janeiro de 2010, realizou evento para convidados no Aterro do flamengo denominado Nike elementos 2010¹⁵.

O basquete tradicional e o Basquete de Rua trazem na sua origem o mesmo objetivo que é colocar a bola na cesta. Porém, as determinações colocam em pontos de vista diferentes, quando são postos alguns argumentos, por exemplo, o da luta de classes dentro da sociedade capitalista, oportunidades postas para alguns, ao contrário de outros que não possuem as mesmas oportunidades.

É evidente que, para que haja a prática do basquetebol tradicional, se faz necessário alguns equipamentos específicos e obediência às regras do jogo pré-estabelecidas por órgãos oficiais, dando toda uma dinâmica ao esporte. Apesar da semelhança no sentido de colocar a bola na cesta, as contradições estão postas quando o Basquete de Rua, na sua lógica, não estabelece um local específico para a sua prática, pois como o nome já diz, é “de rua”, logo, jogado na rua ou em qualquer espaço que possibilite colocar a bola na cesta.

Assim, acreditamos que ao mesmo tempo em que o Basquete de Rua é colocado como uma manifestação de acessibilidade às diversas comunidades das periferias, principalmente no

¹⁴ É uma das mais importantes marcas de material esportivo dos Estados Unidos. Antes da competição, cada equipe recebeu um basquetebol AND1, juntamente com um jersey livre AND1 para cada jogador. AND1 basketball shoes and other goodies were also be given away to the winners of each cate-gory. Tênis de basquete AND1 e outras guloseimas foram também será distribuída gratuitamente para os vencedores de cada categoria. O desafio é organizado pela Ossia Mundo de Golfe, os distribuidores da marca AND1 na Malásia e apoiada por Milo como a bebida oficial. StarMetro é a mídia oficial do evento, Fly FM a estação de rádio oficial do WCT e do patrocinador oficial local. Disponível em <http://www.and1.com/>, acesso em 11/10/09, às 15:05 min.

¹⁵ O evento *Nike Elementos 2010* aconteceu dia 9 de janeiro, a partir das 14h, no Aterro do Flamengo, sob um dia típico carioca de muito calor e sol escaldante. Promovido pela Nike americana e a marca Jordan, organizado junto à CUFA, o evento, só para convidados, contou com a participação de 15 ONGs, entre elas: Nós do morro, Gol de Letra e Observatório das Favelas, além da CUFA. Juntando os elementos da cultura de rua como: basquete de rua, skate, break, graffiti e muita animação com DJs e MCs de quadra, o evento contou com muita animação do Akira que não deixou a peteca cair e interagiu com o público o tempo todo. Disponível em: http://www.cufa.org.br/in.php?id=2009/mat09_189, acesso em 17/04/10, às 22:50 min.

Rio de Janeiro, há possibilidade de esta manifestação ser explorada comercialmente, pois o registro do nome de uma manifestação criada e recriada na rua por seus diversos sujeitos, ou seja, a privatização de uma manifestação cultural, principalmente ligada à juventude, pode proporcionar uma inibição da sociedade contra estes modos de exploração tão evidentes no esporte, ocasionando até a perda da sua forma de resistência sócio-cultural.

O Basquete de Rua, o *skate*, o *grafite*, entre outras atividades vem ganhando adeptos e tornando-se importante na formação de um grupo social que não tem oportunidade de se aproximar dos bens culturais produzidos pela humanidade e historicamente vem sendo discriminado e colocado à margem da sociedade.

3.3 - O Basquete de Rua em Salvador: uma prática de Lazer

O Estado da Bahia se relaciona com o Basquete de Rua através da CUFA, já que a dificuldade existente no interior do estado para a prática do Basquete de Rua é grande, pois as práticas culturais nestas localidades estão ligadas à tradição. Assim, a referência que essas comunidades têm para a prática está diretamente ligada ao que acontece nas grandes metrópoles, nesse caso, Salvador.

Portanto, em Salvador o Basquete de Rua se mistura, em muitos locais, com o basquete convencional como nos bairros de Cajazeiras, Cabula, Liberdade, entre outros, impulsionando a atividade para um não entendimento para quem se aproxima do jogo, gerando uma confusão sobre a prática da atividade, visto que, o que está construído historicamente na cultura esportiva da população é o esporte rendimento, em particular o futebol. Portanto, pensar um jogo jogado com as mãos, requer tempo para apropriação, mas também, não quer dizer que não seja jogado dentro do que se entende à primeira vista. Assim, o processo de crescimento das práticas culturais se evidencia a partir do momento em que a população se aproxima dessas práticas. Contudo, fazer uma distinção entre as práticas culturais é dificultado, por que o que foi e ainda é construído em escolas, clubes e associações são atividades relacionadas ao esporte rendimento. Por conta desses fatores, a reinvenção do basquete não está evidente em todos os locais onde é praticado.

Na cidade de Salvador, existem dois locais onde as atividades mais se aproximam do Basquete de Rua: Jardim dos Namorados e o Largo do Papagaio na cidade baixa.

O Basquete de Rua se concentra em locais determinados por suas tribos ou grupos de acordo com a comodidade e facilidade para a prática da atividade, pois constatamos que apenas no Largo do Papagaio, Península Itapagipana com um espaço improvisado e na quadra do Jardim dos Namorados é que encontramos a prática do Basquete de Rua apenas como uma forma de lazer e não como uma atividade de contestação das condições sociais e culturais que são levantadas no movimento *Hip Hop*, por exemplo.

Presenciamos em 2009 um evento no ginásio do Serviço Social da Indústria (SESI) Itapagipe, Esporte Transforma, realizado pela TV Bahia, de imediato, constatamos que neste evento o Basquete de Rua vem ganhando força e popularidade junto à sociedade, através da presença do público. Constatamos também que a presença de empresas privadas patrocinando o evento estava evidente no material de divulgação em todo o local do evento, logo, entendemos que o capital está atento ao movimento que esta manifestação apresenta.

Os quatro elementos do movimento *Hip Hop* estavam presentes e o Basquete de Rua se configurando como prática esportiva que fortalece a cultura *Hip Hop*, visto que o evento teve o apelo do Basquete de Rua. Assim, a manifestação de uma prática corporal reinventada na rua tem tomado proporções significativas, ou seja, evoluído a tal ponto de possibilitar elaboração de eventos que sejam transmitidos pelos meios de comunicação de massa. Porém, em nossas análises verificamos que os participantes do evento não tinham nenhuma ligação com as expressões culturais do movimento *Hip Hop* e sim da cultura *Hip Hop*, pois, segundo alguns integrantes desses movimentos, a cultura *hip-hop* está direcionada ao mercado, a indústria cultural, ligado ao capital proporcionando uma visão mercadológica de espetacularização das atividades, indo desse modo em direção totalmente inversa do movimento que tem como alicerce, a consciência e a atitude, que busca uma orientação de emancipação política e social. No Brasil, em particular a Bahia vem assumindo lugar de destaque nas atitudes e ações do movimento *hip-hop*. Contudo, os sujeitos da atividade traziam na realização dos movimentos elementos característicos de transformação que a manifestação traz em superação ao esporte institucionalizado, a ginga, os dribles, os malabarismos construídos e executados de forma coletiva, são alguns elementos que se evidenciaram durante os jogos. Ainda assim, temos dúvidas sobre a consciência de determinados grupos que praticam o Basquete de Rua, pois entendemos que a consciência social é mediada por relações e de acordo com Bogo (2008, p.165), “ao reproduzir cotidianamente apenas atividades, o ser social se torna ativista e não crítico”. Portanto,

A transformação do meio somente ocorre se houver também a transformação do ser social. O fazer, então, torna-se um fato político. Mas não há transformação do meio e do ser sem um instrumento que se coloque entre a consciência e a possibilidade. Não pode haver práxis coletiva se não houver um instrumento de uso coletivo. (p.166-167)

Assim, a importância de observarmos como esses grupos estão construindo a sua consciência social nos inquieta, pois se o conhecimento for o quinto elemento do movimento *Hip Hop*, conforme afirma Bambaata, se faz necessário maior interação entre as tribos, comunidades, associações no sentido de formar redes de informações e se constituir pouco a pouco esse conhecimento e também um ponto de apoio, acima de tudo político, para essa socialização, contudo, se este elemento não estiver consolidado na consciência, através da prática social, nos praticantes do Basquete de Rua, esses não podem ser classificados como parte integrante do movimento *Hip Hop*. Pois, o que vemos durante a jornada da pesquisa é que a tão evocada consciência, ou busca do conhecimento dentro do movimento *Hip Hop* e do Basquete de Rua, ainda tem grandes distorções e contradições internas, a exemplo de se formar grandes competições com o intuito de promoção individual.

Nesse contexto, existem fatores de relação entre o jogo e o esporte, pois a caracterização que é dada na rua tem uma mescla desses dois elementos onde as características de um e de outro se confundem, as regras ao mesmo tempo em que são facilitadas em determinado momento, em outro, são rígidas. Logo, é necessário observarmos as características do jogo, pois “o jogo é uma atividade voluntária”, (Huizinga, 2008, p.10), ainda com o autor enfatizamos sobre o descompromisso,

Seja como for, para o indivíduo adulto e responsável o jogo é uma função que facilmente poderia ser dispensada, é algo supérfluo. Só se torna uma necessidade urgente na medida em que o prazer por ele provocado o transforma numa necessidade. É possível, em qualquer momento, adiar ou suspender o jogo. Jamais é imposto pela necessidade física ou pelo dever moral, e nunca constitui uma tarefa, sendo sempre praticado nas “horas de ócio”. Liga-se a noções de obrigação e dever apenas quando constitui uma função cultural reconhecida, como no culto e no ritual. (p. 10-11).

O que o autor nos traz entendemos que reflete as características principais do jogo como prazer e como necessidade, porém acrescentaríamos nessa reflexão sobre a necessidade ou obrigação, o trabalho, visto que esta é uma categoria importante e que ajuda nas análises

sobre o contexto que se apresenta na sociedade capitalista, pois, não podemos negligenciar as condições que estão postas para a sobrevivência do homem.

Portanto, a competição que está inserida no jogo e tida como um fetiche na sociedade, transforma uma das características formais do jogo que é ser desinteressado em interesse e seriedade na busca de um objetivo que é a vitória, o ganhar. Dessa forma,

A idéia de ganhar está estreitamente relacionada com o jogo. Todavia, para alguém ganhar é preciso que haja um parceiro ou adversário; no jogo solitário não se pode realmente ganhar, não é este o termo que pode ser usado quando o jogador atinge o objetivo desejado. (...) Ganhar significa manifestar sua superioridade num determinado jogo. Contudo, a prova desta superioridade tem tendência para conferir ao vencedor uma aparência de superioridade geral. Ele ganha alguma coisa mais do que apenas o jogo enquanto tal. Ganha estima, conquista honrarias: e estas honrarias e estima imediatamente concorrem para o benefício do grupo ao qual pertence. (idem, p. 57-58).

O fato de jogar para ganhar e ao mesmo tempo tecer homenagens e honrarias conduz a outra forma de intervenção na sociedade ao passo que, o jogo no modelo esportivo trata a atividade diferentemente do contexto de liberdade e satisfação. Apesar de alguns indivíduos considerarem a tensão, a competitividade, a exclusão, entre outras que são características da competição como forma de satisfação e prazer, caracterizando assim, a intencionalidade do esporte numa sociedade dividida em classes.

Numa cidade como Salvador onde os espaços e os equipamentos de lazer tanto no centro da cidade como na periferia são insuficientes, os poderes públicos incentivam práticas que favorecem ao mercado, onde a especulação capitalista dos espaços de lazer está fortemente evidenciada, entendemos que esse tipo de direcionamento do lazer aumenta a exclusão social existente na cidade.

Alicerçamos nossa afirmação em Mascarenhas (2004), visto que, as políticas públicas de lazer que desde 1990 vem tendo uma queda nos investimentos federais, excluindo grande parte da juventude de ter acesso a equipamentos de lazer caracterizando os sem-lazer.

Os sem-lazer podem ser vistos aqui como aqueles setores da população que se encontram à margem do mercado de consumo e dos equipamentos de lazer, não tendo, também, essa necessidade devidamente atendida pelas políticas de governo. São, por exemplo, conforme dados levantados pela Fundação Perseu Abramo (1999), milhares de jovens que nunca tiveram a oportunidade de ir ao cinema (15%), ao teatro (46%), a um show (29%), a um concerto (86%), a um espetáculo de dança (77%), ao museu (52%), a

uma exposição fotográfica (72%), a um estádio de futebol (49%), ao circo (22%), ou mesmo, à biblioteca (40%). (p.78 e 79).

Todavia, mesmo sabendo que é dever do Estado promover a prática do lazer como promoção social, pois é o que diz o Capítulo III, Seção III da Constituição brasileira de 1988¹⁶. O Estado fomenta de maneira precária os espaços e tempos para a prática e acesso ao lazer, visto que mais de 90% dos municípios do Brasil não possuem sala de cinema. Assim, verificamos que as possibilidades de lazer que são oferecidas para a população ainda são insuficientes. Cabe aqui enfatizar que o “espaço”, o qual estamos dando ênfase é o espaço público, ou seja, aquele que está à disposição de toda a sociedade a qualquer momento e não os espaços privados onde também possuem caracterização do lazer.

Muitas iniciativas são realizadas no sentido de aproximar as comunidades mais carentes aos bens culturais aos quais não têm acesso. Porém, dentro destas ações existem grandes contradições que favorecem a exclusão e a não participação da maioria da população. Um exemplo é a escassez de área pública em condições para a prática do Basquete de Rua na periferia, em Salvador principalmente, e as existentes estão com alguma precariedade quando não é na quadra em si, é na iluminação como vemos na (Foto 1) .



Foto 1 – Poste de iluminação

Por conta destas e outras situações que os praticantes do Basquete de Rua encontram que vão aos poucos fortalecendo os posicionamentos contra hegemônicos, características dos movimentos de rua em sua grande maioria como o Punk, Gótico, o movimento Hip Hop, entre outros que estão vinculados à cultura da Juventude.

¹⁶ Capítulo III - Da Educação, da Cultura e do Desporto-Seção III Do Desporto

Art. 217. É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um, observados: I - a autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto a sua organização e funcionamento; II - a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento; III - o tratamento diferenciado para o desporto profissional e o não profissional; IV - a proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional. § 1º O Poder Judiciário só admitirá ações relativas à disciplina e às competições desportivas após esgotarem-se as instâncias da justiça desportiva, regulada em lei. § 2º A justiça desportiva terá o prazo máximo de sessenta dias, contados da instauração do processo, para proferir decisão final. § 3º O poder público incentivará o lazer, como forma de promoção social.

Contudo, isso não anula as práticas de Lazer, visto que, nesta mesma praça pública, em Salvador no Jardim dos Namorados presenciamos aos domingos práticas de lazer com o Basquete de Rua, evidenciado na fala de um freqüentador do local.

Privilégio nosso, né, ganhei todas, perdi uma, já cansado, ganhei quatro “babas” (jogo com amigos), nada mais justo que eu perca uma, o quinto, não tenho mais saúde prá isso, nem condições físicas, mas estamos curtindo um domingo de lazer, todos aqui jogando Basquete de Rua (...).

Com um ar de risos, o participante da atividade sai satisfeito do jogo, não só por ter vencido, mas pelo prazer de estar com amigos e se divertindo. Então, apesar das dificuldades de espaço e condições para a realização do Basquete de Rua, com frequência, alguns grupos, tribos se encontram para se divertir.

4 – A EXPERIÊNCIA

A nossa investigação constatou que existem tribos, grupos que praticam o basquete na rua, em praças públicas improvisadas ou não, em escolas, clubes, etc. E estão localizados em diversos pontos da cidade de Salvador, Cajazeiras, Liberdade, Caminho de areia, Periperi, Cabula, Mussurunga, Orla marítima, etc. Após ter observado todos esses espaços onde a prática tanto do basquete como a do Basquete de Rua se evidenciam, três locais especificamente nos chamaram atenção – Cajazeiras, Largo do Papagaio e Jardim dos namorados -, tendo dois aspectos em particular: i) por apresentarem dados diferenciados para a prática do basquete diferentes das características excludentes do rendimento e ii) por considerar que existem avanços significativos no número de participantes. Portanto, fizemos observações variadas nesses espaços, participamos de jogos, brincadeiras e conversas com os sujeitos que se envolvem com o Basquete de Rua.

Assim, a realização da pesquisa se constituiu com elementos que qualificaram a discussão do ponto de vista dinâmico e não estático, pois a ênfase dada direcionou para uma pesquisa qualitativa.

Assim sendo, podemos evidenciar que uma pesquisa qualitativa, difere em alguns pontos da quantitativa como nos mostra Triviños (2009), afirmando sobre o pesquisador qualitativo; “(...) considera a participação do sujeito como um dos elementos de seu fazer científico (...)”.(p.138). Deste modo, a ciência também está no sujeito, pois ele contém de múltiplas determinações proporcionando assim o entendimento histórico do objeto estudado, ou seja, a ciência é uma forma de compreender a história.

Entendendo que o Basquete de Rua é um fenômeno rico em múltiplas determinações, buscamos construir uma pesquisa com uma concepção que coloca a realidade e a história como base, que nos proporcione melhor compreensão dos fatos e das relações em torno do objeto, pois, “a dialética situa-se, então, no plano de realidade, no plano histórico, sob a forma da trama de relações contraditórias, conflitantes, de leis de construção, desenvolvimento e transformação dos fatos.” Frigotto, (1999, p. 75). E continua: “a dialética é um atributo da realidade e não do pensamento.” (p. 79). Analisando a observação do autor, podemos afirmar que a dialética não se configura em dimensões fora da realidade, no abstrato e sim no concreto pensado. Para uma melhor compreensão, o pensamento da realidade deve ser visto entre o mundo da realidade e o mundo da aparência, no qual possibilita a destruição da pseudoconcreticidade.

O pensamento que destrói a pseudoconcreticidade para atingir a concreticidade é ao mesmo tempo um processo no curso do qual sob o mundo da aparência se desvenda o mundo real; por trás da aparência externa do fenômeno se desvenda a lei do fenômeno; por trás do movimento visível, o movimento real interno; por trás do fenômeno a essência. (Kosik, 1976, p.20)

A filosofia Marxista nos mostra a relação do homem com a natureza no sentido de transformá-la, através do trabalho, assim o homem transforma a si mesmo e à sociedade. “Não há ato humano fora da história, fora da sociedade”. (Lessa, 2008, p.27). Logo, ao pesquisarmos o Basquete de Rua que se insere nas questões da sociedade devemos ficar atentos sobre as reais condições, os movimentos que se apresentam no real, suas interfaces e principalmente em que condições objetivas toda essa dinâmica se apresenta.

4.1 – A metodologia empregada e a categoria contradição como pano de fundo

O método de forma geral é o caminho para atingir um fim, portanto, a relação com o objeto é fundamental para que o alcance. Existem vários caminhos, porém é necessário escolher o melhor caminho para alcançar o objeto. Para ser identificado se faz necessário reconhecer as categorias, ao mesmo tempo em que os recursos para realizar, concretizar o método também são importantes. O método está ligado diretamente com o objeto, porém, o objeto é conceitual e o método é sempre prático, operacional. Assim, buscaremos a utilização de metodologias que nos permita entender a coisa em si (Kosik, 1976).

Dessa forma, analisaremos essa prática corporal que se insere no movimento *Hip Hop* através do esporte, observando as contradições existentes no seio da sua manifestação, seus atores, a sociedade e a educação.

Para isso, faz-se necessário entender, portanto, que para pesquisar é imprescindível o retorno ao material teórico, revisitar a teoria a fim de fortalecer as categorias de apreensão do objeto, fazer sucessivas aproximações do objeto para que assim possa entender os dados da realidade aplicando as categorias com coerência. Conforme o exposto, fizemos várias visitas a grupos, tribos que jogam o Basquete de Rua em alguns pontos da cidade de Salvador, o que

nos deu a possibilidade de constatar algumas contradições, as quais discutiremos mais adiante e em seguida faremos algumas análises.

(...), o que importa fundamentalmente não é a crítica pela crítica, o conhecimento pelo conhecimento, mas a crítica e o conhecimento crítico para uma prática que altere e transforme a realidade anterior no plano do conhecimento e no plano histórico-social. (Frigotto, 1999, p. 81).

Portanto, considerar a categoria contradição como importante no entendimento do movimento existente nas relações sociais, é tarefa que não se deve abandonar nas pesquisas, pois as relações sociais são contraditórias, mas também nos ajuda a encontrar caminhos para alcançar os objetivos concretos a fim de superar o que está posto na sociedade capitalista (exclusão, miséria, abandono, individualismo, etc...).

Por isso, quando colocamos que pesquisar é fazer referência de maneira crítica às relações sociais e que o homem é um ser social, constituído pelo que produz e representa na sociedade, se faz necessário compreender o movimento que a sociedade faz com os grupos, tribos, que se formam a cada opressão sofrida, isto é, a resistência que esses atores fazem contra o que historicamente foi negado, como o acesso ao Teatro, à música, ao cinema, aos bens culturais que são sacados do seio da comunidade degradada economicamente e configurada como bem cultural geral, onde poucos têm oportunidade de se relacionar. Assim sendo, com convicção, as contradições que estão postas na sociedade e nos movimentos de luta, como o *hip-hop* que o Basquete de Rua vem se inserindo através do esporte, necessitam urgentemente serem analisadas com profundidade e não na aparência para que possam corroborar na construção de outra sociedade, concretizando assim os saltos qualitativos em direção a outro modo de produzir a vida, em condições justas de relações e convívio.

É importante considerar que a contradição não surge do nada, ela é produzida, é dada nas relações, na história. O movimento *Hip Hop* é contraditório na sua essência, pois foi fundado dentro das contradições que a sociedade apresenta. E o Basquete de Rua se constitui na produção contraditória com o basquete tradicional, pois foi na sua construção que a contradição se evidenciou, visto que o Basquete de Rua surge da necessidade de um grupo social participar dessa atividade negada historicamente, principalmente aos negros e aos pobres. Deste modo, não podemos deixar de lado nem desprezar que existe uma lógica nessa “negação”, pois as evidências nos mostram uma disputa de poder na sociedade, o que se configuram as lutas de classes, pois elas são contraditórias, constroem e educam dentro da sua lógica interna possibilitando conhecimento do movimento do real. Tomando por referência as

classes, possuem uma mesma particularidade, são idênticas, porém, possuem divergências nas relações e por isso tornam-se contrárias, mesmo possuindo a mesma particularidade – a particularidade das relações sociais.

Prontamente, podemos afirmar que em tudo existe a presença da contradição. A educação tem como questão central a contradição, pois ela, a educação, não pode ser separada das lutas sociais. O movimento que a sociedade faz nas contradições do sistema proporciona que a educação também se movimente em benefício da classe dominante quando seus interesses necessitam de mais qualificação da classe trabalhadora, caracterizando e evidenciando a exploração e a divisão social do trabalho – trabalho intelectual / trabalho manual.

Faz-se necessário entender, portanto, que a contradição é a relação do contrário, ou seja, a negação do outro dentro de uma relação, pois não existe contradição fora dela. Porém, “a contradição não se limita, então, a ser uma categoria que melhor compreende a sociedade. Ela compreende também todo o mundo do trabalho humano e seus efeitos e se estende a toda atividade humana”. (Cury, 1995, p.31).

Para entender a categoria contradição é preciso compreender que a contradição se dá dentro do fenômeno e descobrindo relações contrárias nele. Cheptulin (2004) já nos alerta sobre a questão inicial para o conhecimento da contradição na evidência das características qualitativas e quantitativas. (p.303).

Não podemos confundir contradição e diferença nem contradição e oposição, pois os conceitos são distintos. Assim o autor coloca, *apenas os aspectos diferentes que têm tendências e orientações de mudança e de desenvolvimento diferentes encontram-se em contradição*. (p. 292). Para Chauí, (2008) quando aponta sobre a contradição e oposição, pode-se ver que oposição independe de ter uma relação ou não, ela se caracteriza como tal, visto que a oposição não obrigatoriamente necessita estar numa relação. Diferentemente da contradição, que só aparece nas relações, isto é,

... não podemos tomar os termos antagônicos fora dessa relação, pois, como assegura o princípio, trata-se de tomar os termos ao mesmo tempo e na mesma relação, criados por essa relação e transformados nela e por ela”. (p.41). Assim, podemos dizer que a contradição é central, pois, sua eliminação torna a análise unilateral e faz uso apenas dos conceitos de confirmação e legitimação. (Cury, 1995, p.32).

A contradição é determinada de negação, ou seja, quando dissemos que “algo é não algo” é diferente de dizer que “algo não é isso”. Portanto, a negação no primeiro caso é interna e a negação no segundo caso é externa, por isso a contradição se caracteriza no primeiro caso e não no segundo. “As contradições podem ser divididas em internas e externas, essenciais e não essenciais, fundamentais e não fundamentais, principais e secundárias”. (Cheptulin, 2004, p.307).

A negação é um momento necessário para o desenvolvimento da contradição, na dialética se estuda as leis gerais do movimento. Nesse sentido, percebemos que para a passagem do estado antigo para um estado novo, só acontece com a negação do antigo proporcionando uma nova síntese e daí um estado novo, passando do abstrato ao concreto. Somente com a separação do todo que se pode alcançar o conhecimento e descobrir a lógica interna. “O conhecimento se realiza como separação de fenômeno e essência, do que é secundário e do que é essencial, já que só através dessa separação se pode mostrar a sua lógica interna, e, com isso, o caráter específico da coisa”. (Kosik, 1976, p.18)

Deste modo, analisamos que no Basquete de Rua não deve ser excluído a contradição que se apresenta como fenômeno da juventude, visto que suas contradições internas possibilitam debates e crescimento dos grupos que interagem de forma lúdica ou contestatória nas manifestações sociais. Cabe aqui afirmar que os meios de comunicação de massa, manipulado pelo capital aliena o fenômeno como forma de divulgar, ao mesmo tempo em que distorce o seu caráter contestador que está intrínseco na sua forma e norma de jogar. No sentido de reforçar nossa colocação e ao mesmo tempo evidenciar como utilizamos a técnica da triangulação, Triviños (2009), exemplificaremos um evento que presenciamos no ginásio do SESI Itapagipe, em 2009, realizado pela Cufa (Central Única das Favelas), e apoiado pela Rede Globo, TV Bahia, dentro do programa Esporte Transforma, o qual explicamos anteriormente.

Portanto, o entendimento de como se movimentam as ideologias é necessário para não cairmos em armadilhas postas pelas condições objetivas que a máquina do capital produz. Assim sendo, fazer sucessivas aproximações do objeto no sentido de entender a realidade é fundamental para fazer a crítica.

Logo, o pensamento crítico busca direcionar a compreensão dos fatos com o objetivo de transformar a realidade, pois o conhecimento tem papel importante na construção e alteração do modo de produzir a vida. Nesse sentido, o movimento *Hip Hop*, na visão de alguns grupos com as contradições que estão postas, coloca o Basquete de Rua como o quinto elemento.

Deste modo, realizamos visitas nos locais onde a prática do basquete se configura com o objetivo de identificar o Basquete de Rua. Utilizamos os seguintes procedimentos de coleta de dados: filmagem de eventos, fotos, entrevista com participantes e vídeos de jogos de Basquete de Rua. Os sujeitos pesquisados, em sua maioria são da periferia de Salvador, negros – a questão étnica não foi uma opção do pesquisador, mas por conta da constituição, configuração dos grupos, tribos que jogam o Basquete de Rua -, estudantes de escolas públicas e ou faculdades particulares.

Como coloca Triviños, (2009), a pesquisa qualitativa, a qual realizamos e que primeiramente se desenvolveu na Antropologia, nos deu suporte para alcançarmos nossos objetivos traçados anteriormente, assim diz o autor, “muitas informações sobre a vida dos povos não podem ser quantificadas e precisavam ser interpretadas de forma muito mais ampla que circunscrita ao simples dado objetivo”. (p. 120). Logo, apoiados nessa perspectiva construímos nossa pesquisa sobre o Basquete de Rua interpretando as relações dos seus atores com os outros e com o mundo. No sentido de fortalecer nossa pesquisa continuamos a buscar caminhos consistentes para decifrar nosso objeto. Desse modo, buscamos analisar qualitativamente a característica do Basquete de Rua, pois o referencial teórico que norteia a investigação nos habilita a descrever sobre os “atos, atividades, significados, participação, relação e situações”. (Idem, p.126). Como anteriormente já dissemos, nossa técnica de coleta de dados foi a da triangulação, que,

(...) parte de princípios que sustentam que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social, sem raízes históricas, sem significados culturais e sem vinculações estreitas e essenciais com a macrorrealidade social. (p.138)

Por isso, realizamos uma pesquisa qualitativa, descritiva da manifestação do Basquete de Rua, que se configura como um fenômeno social amplo e repleto de signos e significados na esteira das relações sócias.

4.2 – Descrevendo os dados da realidade

Considerando que o Basquete de Rua é uma manifestação que foi criada através das relações sociais entre comunidades que não têm oportunidade de praticar o esporte e que os elementos que configuram esta manifestação refletem vários sentidos e significados que

influenciam a tomada de consciência por parte dos jovens praticantes, compreendemos que o esporte como forma de socialização da juventude é possível, pois é plausível dizer que o esporte é uma das vias de socialização da juventude e o Basquete de Rua está inserido nesse contexto de maneira concreta.

O Basquete de Rua é visto por alguns membros da sociedade como uma referência de atividade de resistência social e cultural urbana, que promove dentro das suas tribos e associações, atividades de socialização do conhecimento de forma crítica e prazerosa como a música, a arte e a dança, proporcionando assim, outras possibilidades de tomada de consciência sobre o mundo em que está inserido. Apesar da realidade colocada pelos integrantes de grupos ou tribos, a discussão social e política não se configuram como elementos centrais na prática efetiva do Basquete de Rua.

Uma das equipes que nos chamou atenção foi a CBX (Cidade Baixa). Com o intuito de obtermos respostas consistentes e reais sobre o Basquete de Rua, escolhemos este grupo para fundamentar nossa pesquisa, localizado no bairro de Itapagipe, cidade baixa da cidade de Salvador, mais precisamente no Largo do Papagaio, uma praça de esporte e lazer pública.

Após algumas visitas e conversas com integrantes do CBX, ficamos mais entrosados e entendemos a lógica do jogo numa comunidade que enfrenta dificuldades para praticar o esporte. Muitas curiosidades foram identificadas no que diz respeito à utilização do espaço público para a prática esportiva, pois apesar de ser uma praça pública onde existem duas quadras “poli-esportivas”, nenhuma delas tem tabela para a prática do basquetebol, além de concorrer com os grupos que chegavam para jogar o futsal. Um relato de um dos integrantes desse grupo nos chamou a atenção quando descreveu como foi formado o espaço para o jogo.

Jogávamos na Boa viagem, mas era muito distante e a quadra estava em péssimas condições e os horários sempre coincidiam com os que jogam futebol. Então, nós viemos para cá (Largo do Papagaio), tiramos a tabela de lá e trouxemos para cá, só que aqui apesar de ser mais perto, a quadra é muito mais concorrida. Improvisamos, colocando a tabela no alambrado da quadra de frente para o lado de fora da quadra e marcamos o chão apenas para delimitarmos o espaço para o jogo. Depois nos reunimos e decidimos, “roubar, pegar, tirar”, (risos) o poste que tinha na quadra da boa viagem e trazer para cá. Tentamos uma conversa com a prefeitura, eles prometeram, mas não fizeram nada, então nós fizemos e estamos aqui. (Risos)

Mesmo tendo essa dificuldade no espaço público o grupo improvisou uma tabela de basquete no alambrado que circunda a quadra, direcionado para o lado externo da mesma. Mesmo assim as dificuldades foram crescentes, visto que as condições mínimas para a realização da atividade (a quadra) não eram atendidas. Com o aumento dos praticantes as melhorias foram se constituindo passo a passo pelos próprios membros dos grupos, até a aquisição de uma girafa para colocar a tabela, fixando-a no solo.

Assim, podemos constatar que o espaço disponível ao público, principalmente na periferia está degradado e descuidado pelos órgãos competentes e quando os grupos urbanos constituídos nesses locais tomam a iniciativa de modificar e se apropriar de maneira socialmente útil para a comunidade, muitas vezes, são impedidos e interpretados como delinquentes, por estarem contribuindo com uma lógica diferente dada pelo mercado.

O nosso entendimento, todavia, é que a *rua* deve ser considerada como um instrumento de lazer pelos poderes públicos, pois as condições da prática do lazer que estão estabelecidas para as comunidades das periferias não oferecem possibilidades de avançar culturalmente, ou até mesmo de promover satisfação às comunidades que buscam o lazer, a fim de obter melhor qualidade de vida.

No entanto, faz-se necessário afirmar que apesar das dificuldades que os atores do Basquete de Rua passam em sua comunidade, buscam aglutinar o maior número de adeptos da atividade no sentido de aumentar o quantitativo dos praticantes da atividade. Percebe-se também que a juventude adepta da manifestação está localizada na periferia das cidades, que, por sua vez, é menos favorecida socialmente e de ampla maioria negra.

Numa conversa com um jogador de Basquete de Rua fizemos uma colocação sobre a relação com sujeitos de outras classes sociais e o comentário feito foi o seguinte:

A vida, ela causa essas sensações na gente de méritos e conquistas e vitórias, e sempre isso vai estar dentro do conteúdo histórico e isso vai estar se refletindo no esporte, por que assim: eu tive amigos, tenho amigos de origem mais pobres e quando estão jogando com a galera da “alta”, por dentro tem um pouco disso, aqui quem manda sou eu, pode até viajar, tirar sua onda trazer um tênis bacana, mas quando está com a bola na mão, é do jeito que eu quero.

Notamos nos sujeitos que praticam o Basquete de Rua um sentimento de pertencimento quando o jogo se desenvolve, visto que as condições sociais são distintas fora da quadra, mas, dentro dela existe uma igualdade mesmo que parcial e até mesmo algumas situações de superioridade perante o outro em condições sociais mais privilegiadas.

Os tratamentos dados às manifestações culturais nascidas e recriados no seio das periferias das grandes cidades têm provocado diversas discussões a respeito desses fenômenos. Nos bairros pobres das grandes cidades, movimentos de resistência social se manifestam em prol de melhores condições de saúde, trabalho, segurança, educação e lazer, assim a comunidade se organiza e constrói o seu próprio modo de vida. O Basquete de Rua pode ser classificado como uma atividade de Lazer que vem ganhando espaço também nos clubes e nas escolas. Chamamos a atenção ao fato de que, por estar acontecendo em espaços privados, pode correr o risco de perder a sua característica principal, que é a espontaneidade, senso crítico e reivindicatório expresso em sua forma de vestir e nas músicas que embalam o jogo.

Vale salientar que o maior número de praticantes que se encontram, foi observado no bairro de Cajazeiras, e pratica a atividade durante três dias na semana, terça, quinta e sábado, este último com o objetivo de oportunizar àqueles que trabalham durante a semana, ficando impossibilitados de jogarem.

Uma conversa interessante aconteceu em Cajazeiras com o líder do grupo que organiza o jogo na quadra pública, assim diz “Tuca” (nome fictício):

Nós aqui jogamos basquetebol, veja quantas pessoas tem aqui, todo sábado é assim, você é professor! Seu time é bom? Então traga seus alunos para vir jogar aqui. Vamos realizar um campeonato, aqui é tudo organizado, tem súmula da federação seguimos as regras oficiais, para participar a inscrição é R\$ 200,00 (duzentos reais), temos que pagar os árbitros e premiação, a comunidade ajuda também, os comerciantes, os bares. Betinho, pega uma ficha de inscrição para o professor, aqui.

De pronto, percebemos que a lógica do Basquete de Rua não estava presente nesta atividade, apesar de estar sendo praticado na rua, quadra pública. Indagado sobre o Basquete de Rua, assim coloca “Tuca”:

Não gosto do Basquete de Rua, jogamos o basquete de quadra, o que proporciona espetáculo é o de Rua, nós jogamos o que passa na televisão que todo mundo assiste, aqui estamos oportunizando que alguma dessas pessoas joguem em algum time, viaje para o Rio ou São Paulo ganhe a vida jogando basquete.

A visão expressa na fala do organizador das atividades na quadra pública fica evidenciada a expressão da lógica do mercado, a visibilidade midiática por conta do que está sendo mostrado nos meios de comunicação de massa, o objetivo de obtenção do sucesso pelo esporte, etc. Apesar de dentro desse mesmo grupo existirem alguns atores que pensam diferente dessa lógica, outro integrante que escutava a nossa conversa nos disse quando saiu o “Tuca”. *Rapaz, eu prefiro o Basquete de Rua, é mais simples, mais emocionante, mais livre, me divirto mais.* Embora a atividade em Cajazeiras possua características distintas do Basquete de Rua, verificamos que existem argumentos sólidos em alguns sujeitos que participam do Basquete de Rua, pois as características do jogo ficam muito mais evidentes, a criatividade, a beleza, a simplicidade, entre outros.

Contudo, a praça pública onde é ponto de encontro dos praticantes do Basquete de Rua é o Jardim dos namorados, que é favorecido pela localização e estrategicamente acontece aos domingos. Investigamos esses pontos de socialização das práticas culturais com o objetivo de responder nossa pergunta: Qual a realidade, contradições e possibilidades superadoras que o Basquete de Rua como prática cultural oferece para a cidade de Salvador?

No Jardim dos namorados presenciamos encontros de várias tribos do Basquete de Rua por estar localizado em um ponto de fácil acesso da cidade de Salvador. O “Lula” retrata assim o lugar e a atividade:

Um grande centro, um grande pólo é o Jardim dos Namorados, tem uma quadra próximo ali da praia um ambiente maravilhoso e a galera, todos da tribo acabam indo se encontrar lá no domingo a tarde. Ai é uma rivalidade mesmo, eu to com o joelho torcido, risos, mas é divertido pra caramba.

Seguindo com as observações, notamos que o Basquete de Rua segue em processo de crescimento também em um ponto da cultura importante, que é a música, pois o *rapper* mais conhecido no Brasil, MV BILL, elaborou um hino para a LIIBRA. Sobre a música, o “Lula” coloca:

O que é legal é que o próprio esporte, a própria vertente, ela é um grito mesmo porque o próprio basquetebol já é um esporte vindo da periferia, da rua foi adaptado pra rua bastante, a música que toca é o hip hop que já é um protesto da rua também, os rappers, eles representam toda essa discórdia, eles tem essa bandeira bem ativa, então voce escuta, já ouvindo. Tem um hino que fala do Basquete de Rua, mas que normalmente as trilhas são de rap mesmo, então voce já está com aquele instinto ali vivo, próximo, não é nem aguçado! Está vivo, presente, porque é uma realidade, é natural.

A vertente colocada pelo integrante é ser contestador, desafiador das questões sociais e políticas que a música aborda e que o Basquete de Rua por estar sendo praticado ao som dessa música se torna membro desse contexto, mesmo que de forma ainda involuntária.

4.3 – Analisando os dados da realidade

As oportunidades que a periferia encontra são colocadas por OnG's ou por associações ligadas a igrejas de todas as ordens. Ao mesmo tempo em que os equipamentos de lazer de acordo com Pelegrin (2004, p.69) que coloca “os clubes, ginásios, centros culturais, piscinas, cinemas, parques, bibliotecas, centros esportivos, quadras, teatros, museus, etc., independentes de serem públicos ou privados”, como categoria de equipamentos de lazer.

Apesar das dificuldades enfrentadas para a realização de uma atividade cultural esportiva em espaço público, o grupo CBX, não tem em nenhum momento uma discussão sobre as políticas públicas de esporte e lazer, sobre a questão social que a população da cidade baixa enfrenta para obter um lazer mínimo nas praças. Mesmo com as dificuldades que encontram para a prática do Basquete de Rua em praça pública – o Largo do Papagaio -. Cabe aqui afirmar que, em conversa com o grupo, eles colocam o seguinte: “*Fomos em busca de melhoria para a praça, em especial para que pudéssemos jogar o Basquete de Rua, fomos à SUDESB, nos prometeram que iriam colocar uma tabela para que jogássemos e nada. Então demos o nosso jeito.* Logo, podemos afirmar que, a consciência sobre a realidade e possibilidades de alteração da forma em que os fatos se apresentam para esse grupo não é relevante, visto que a cobrança foi feita apenas em um momento e não houve mobilização maior no sentido de insistir e resolver a questão. Portanto, a discussão que envolve as questões sociais e culturais em torno dessa comunidade, em especial a que pratica o Basquete de Rua não é significativa.

Apesar das circunstâncias, o basquetebol jogado nesse espaço é caracterizado como Basquete de Rua, porque além de ser jogado na rua, tem as características evidenciadas na sua reinvenção, na sua lógica de divertimento e, principalmente, em seus dribles. Outro fator importante nesse coletivo é que alguns dos seus participantes têm ligação direta com os clubes, participam de competições estaduais promovidas pela Federação Baiana de Basquetebol, o que em alguns momentos as duas formas de jogar o basquete se misturam.

Vale chamar a atenção sobre a questão da formatação da manifestação “de rua”, é assim conhecida por ter seus modos e normas criados na rua, possibilitando a participação de muitos sujeitos em locais às vezes pequenos e ou, inadequados para a prática, tornando assim as regras flexíveis de acordo com a situação de espaço e tempo, tendo assim, uma adesão considerável na sociedade. O Basquete de Rua vem a cada momento sendo constituído como um fenômeno da juventude exatamente por seguir essa lógica de flexibilidade na construção, espaços e tempos.



Foto 2 – jogos da periferia.



Foto 3 – Premiação jogos da periferia.

O jogos da Periferia realizados no bairro de Periperi, na praça da Revolução, nos mostra um pouco desse contexto. As imagens também provocam reflexões sobre o fato do interesse das grandes multinacionais em patrocinar eventos deste porte. Vale aqui lembrar que o Basquete de Rua faz uma forte crítica quanto a um dos patrocinadores do evento, pois na linguagem das tribos, como já pontuado anteriormente, um jogador “coca-cola”, significa jogador ruim, só tem pressão. Mesmo com as críticas lançadas de forma corrente pelo movimento, o patrocinador não se acanha em exibir a sua marca, visto que o objetivo central da exposição é a propaganda para o grande público que ainda não tem propriedade das críticas lançadas por grupos de resistência como o Basquete de Rua e o movimento *hip hop*.

Dentro dos pontos que favorecem a transformação da identidade, vale salientar um tópico que consideramos importante, a música. Na sociedade atual a cultura está ligada diretamente e com mais força à música. Esse ramo cultural, durante séculos, interfere nas sociedades, a fim de consolidar uma identidade, assim foi com a chegada dos portugueses com a colonização, com os africanos nas senzalas e assim por diante. Hoje, a relação da música na modernidade, na contemporaneidade proporciona outras possibilidades de caracterização cultural e de identidade com vários ramos da sociedade. O Basquete de Rua tem como uma de suas características, jogar ao som do rap, do hip-hop e a identificação é tão

grande que o MV Bill, um *Rapper* brasileiro e conhecido no hip-hop nacional construiu uma letra específica para o Basquete de Rua, classificando como o **HINO DA LIBRA – BASQUETE DE RUA - Composição: MV Bill -**

(eu vou) vestir meu uniforme
 O jogador não dorme campeão da rua
 (eu vou) invadir a sua quadra
 Desafiar seu time a escolha é sua
 (errou)
 Se não tiver coragem é só assistir
 O time de gigantes invadir

Vê se não enrola
 Olha pra frente e passa a bola
 Jogada de rua que não se aprende na escola
 (fora)
 Driblando na seqüela da favela
 Mexo no placar com o auxílio da tabela
 Dois pontos mais na casa do adversário
 Muito barulho que põe fogo no cenário
 Liga brasileira de basquete (de rua)
Hip Hop com o esporte que diverte (e tumultua)
 Comanda o jogo com atitude de negão
 Voa alto faz a cesta com os pés fora do chão
 Dando uma enterrada na cara do pivô
 Que joga por dinheiro enquanto a gente joga por amor
 Quem for jogador não espera sua vez
 Arma a jogada e mete uma cesta de três
 Se liga
 Se não tiver na liga observa
 Torcendo por alguém ou no banco de reserva

(chegou)
 O bonde do basquete
 Que mistura com o rap e mexe com a torcida
 (chegou)
 O bonde do basquete
 Que mistura com o rap e vai mudando o clima
 (chegou)
 O bonde do basquete
 Que mistura com o rap e mexe com a torcida
 (chegou)
 O bonde do basquete
 Que mistura com o rap e vai mudando o clima

Né não né não desse jeito não
 Não dá pra desistir e não subir no garrafão
 Bate a bola no chão

Deixa o rival do lado do avesso
 Mostrando competência na hora do arremesso
 E se der aro
 Subo no rebote mas não paro
 Basqueteiro que é ligeiro sente o jogo pelo faro
 Hoje não é raro ver uma quadra de basquete
 (não)
 Com rap, grafite e a bola na mão do moleque

É a liga brasileira de basquete (de rua)
Hip Hop com o esporte que diverte (e tumultua)
 Jogada certa pra seguir da opção
 Que muda o destino com uma bola na mão
 Se sinta um campeão
 Na hora da batalha
 O time que chegar irá brigar pela medalha
 Que ajuda a curar da dor interna
 Bate a bola por debaixo da perna
 Pensando sempre no ataque como se fosse um combate
 No jogo de contato
 Só quem for louco
 Sobe sem respeito na tabela e leva toco
 Se acha pouco
 A partida continua
 Guerreiros e guerreiras do Basquete de Rua
 Levanta a mão pro alto
 Bate a bola no asfalto
 Na seqüência toma a quadra de assalto
 Ganha no rebote quem tiver o melhor salto
 A gente faz barulho quando o time é lá de fora
 Nas ruas do brasil o *streetball* que sempre rola
 A jogada é limpa quem tá sujo se embola
 Não enrola
 Passa a bola

Liibra
 Só chegar na liibra
 Se liga

E aí dj, cabou?
 Não...
 Já é já é irmão
 Bateu papo
 Nós tá junto e misturado rapá

A música aborda em suas estrofes momentos distintos da realidade dos integrantes do Basquete de Rua e de contradição referindo-se com aceitação das mazelas do esporte rendimento. Então faremos algumas reflexões: a) nas primeiras estrofes relaciona a realidade da periferia e a ausência das atividades de rua na escola, (...) “Vê se não enrola, Olha pra frente e passa a bola, jogada de rua que não se aprende na escola” (...), o trato do esporte na escola tem engessado a sua reinvenção para além do esporte rendimento, a música ajuda a refletir sobre essa questão, corroborando com que o “Lula” diz na conversa: “*Comecei a jogar basquete em 1998, foi quando vi na escola alguém jogando e achei interessante, mas foi o basquete convencional*”; e a música segue evidenciando a realidade da favela com suas sequelas sociais e pontuando os seus modos e significados lingüísticos étnicos, “Comanda o jogo com atitude de negão; Voa alto, faz a cesta com os pés fora do chão; dando uma enterrada na cara do pivô; que joga por dinheiro enquanto a gente joga por amor”. Esse trecho também ecoa a relação do capital ingerindo na atividade de rua e sendo criticada, mais uma vez a conversa com o jogador de Basquete de Rua ajuda na reflexão:

(...) *se você jogar a bola no ar e o cara pegar a bola lá no ar e der uma enterrada, que seria uma ponte aérea, jogada de dois pontos, valem três; se você fizer uma bandeja vale um ponto, mas, se você ao invés da bandeja fizer uma enterrada, uma Dank como a gente chama, valem dois (...)*

A relação que existe entre a música rap, o movimento *Hip Hop* e o grafiti, principalmente, se mostra de forma clara na canção insistindo com seus significados lingüísticos, ao mesmo tempo em que o caráter de pertencimento se perpetua com as expressões corporais de dribles e arremessos que são características do Basquete de Rua.

A minoria dominante insiste em classificar a música originada do 1º mundo, ou seja, Europa e Estados Unidos, como a “boa música” tendo como seu interlocutor a mídia, o rádio em particular. Por sua vez, a maioria dominada, excluída traz para o seio da sua comunidade elementos de contestação político social que, apesar de ter a mesma origem estrangeira, sofre transformação de ordem estrutural caracterizando e identificando o local de sua transformação. Assim, nos guetos e favelas das nossas cidades o *reggae* e o *rap* ganham força por produzirem argumentos sólidos de contestação e referência com relação à situação atual da sociedade, locais estes, em que a população, de maioria negra, habita, onde as condições de vida são precárias, “o rap narra crônicas e epopéias para um público que, por viver em condições semelhantes às do MC (Mestre de Cerimônia), ou por ter uma visão crítica da

realidade, compreende, se identifica e propaga essas mensagens”. (Filho, 2004, p. 128). E o samba, apesar de ter a marca das raízes africanas, todavia é a cara do povo brasileiro, constituindo-se, portanto, como cultura brasileira.

A música como elemento de resistência e de construção de identidade é fortalecida por movimentos sociais contra hegemônicos da sociedade capitalista e ao mesmo tempo buscando possibilidades de crescimento junto ao Estado que cria e recria normas, regras e leis para a cultura, consolidando o poder. Assim, para afirmar o poder é preciso negar o poder das elites, Bogo (2008, p.159). O Basquete de Rua, mais uma vez na canção “hino” nos mostra com pontos de contradição quando coloca, (...) “Jogada certa pra seguir da opção; que muda o destino com uma bola na mão; se sinta um campeão; na hora da batalha; o time que chegar irá brigar pela medalha; que ajuda a curar da dor interna; bate a bola por debaixo da perna; pensando sempre no ataque como se fosse um combate; no jogo de contato” (...), a fala de um integrante do movimento nos revela a satisfação de conseguir superar as dificuldades e se inserir num grupo seletivo.

Pô cara, tive a sorte de ser escolhido entre 77 mil jogadores, entre os 12 da seleção brasileira de Basquete de Rua, tinha jogadores do Rio de Janeiro, jogadores de São Paulo, do Espírito Santo, tinha da Bahia fui representando a Bahia apesar de ser “Barioca”, (risos), mas fui lá joguei o desafio contra o Chile, um time grande que veio, teve jogo contra os Globetroter, e a ciosa está crescendo cara, e é bonito, é entretenimento puro.

Constata-se que, ao mesmo tempo em que conclama e alerta sobre uma “dor interna” que a periferia sente em seu cotidiano, propõe a briga pela medalha. Nesse instante entendemos que poderia lutar por melhores condições sociais para a própria periferia, inclusive como áreas de esporte e lazer, por exemplo. O movimento *Hip Hop*, o *reggae*, entre outros movimentos de luta a favor da minoria e contra a opressão da classe trabalhadora, se encontram em busca da sua própria identidade que a sociedade atual insiste em negar seu valor e importância no contexto atual. Porém, quando as ações, aos poucos, vão tornando-se evidentes, os aparelhos ideológicos do Estado se aproximam com o discurso de reconhecimento e relevância da atividade, constituindo através de normatização legal, concursos, prêmios, programas e projetos.

O Basquete de Rua evidencia-se nessa questão quando surge problematizando as relações sociais, o esporte, o jogo, a identidade, entre outros com seus modos e estilos de vestir, agir e comportar-se, buscando de maneira singular negar as contradições do basquete

tradicional. A rigidez das normas e a elitização do jogo são exemplos. Trazemos uma fala de um jogador de basquete de rua, negro da periferia da cidade de Salvador, egresso de escola pública, que evidencia o problema das relações sociais. Quando fizemos a seguinte pergunta sobre uma determinada escola particular que o convidou para representá-la em competições: Quando você representou essa escola particular jogando basquete, você chegou a estudar nessa escola?

Eu conhecia o professor que viajou comigo para o brasileiro, ai ele me falou: “Estou saindo do Bahia e vou formar um time para um colégio particular em parceria com um Clube e gostaria que vocês viessem comigo”, eu e mais alguns que estavam na seleção na época. E houve a promessa do estudo. A grande maioria da periferia, não tem condição de estudar em colégio particular, então abraçamos a idéia, não ganhávamos nada! Malmente o transporte. Aí tudo bem, vamos. Jogamos um torneio e outro, a promessa não foi cumprida. Não por ele. Ele fez muito até ir embora de Salvador. Mas tipo, a escola queria mais vitórias, mais divulgação do seu nome, tudo aquilo que quando voce paga a empresa exige, nunca estavam satisfeitos do trabalho que oferecíamos.

O relato nos remete a várias reflexões, porém vamos nos ater apenas à questão da formatação do esporte rendimento da vitória a qualquer custo. Essa situação é contestada pelo Basquete de Rua dentro da sua própria dinâmica característica do jogo, os dribles e a criatividade onde o objetivo final é divertir-se. Portanto, o Basquete de Rua nega a busca incessante pela vitória, é sempre entendido como uma consequência do jogo. Outro relato interessante é o de “Lula”, sobre o MC:

(...) só que esse Mc fica dentro da quadra, ele ai tá com um microfone sem fio, ele ai tá “chame ele pra dançar, chame ele pra dançar, mostre o seu jogo”, ele fica instigando, “se você veio de longe pra que, pra ficar nessa ai?” ai quando o cara mete a “tabaca” , ele aí “ô meus Deus” coloca as mãos na cabeça, é engraçado (...)

Portando, vemos que está evidente o divertir-se no Basquete de Rua, negando definitivamente a lógica do basquete tradicional que busca a todo custo a vitória.

Contudo, dizemos juntamente com Bogo (2008), que “negar não significa eliminar aspectos no seu todo, mas imprimir novas características em contraposição às anteriores” (p.28). Colocar o Basquete de Rua no processo de contrapor o que o basquete tradicional,

rendimento tem posto aos jovens da periferia é alocar novas características ao basquete, então se evidencia que as possibilidades de transformação para outra maneira de jogar e se relacionar com o esporte é possível, a partir das mudanças que são propostas pelos sujeitos que dela participam.

Logo, o Basquete de Rua pode ser considerado não como a negação, mas como superação do que traz o basquete tradicional. Porém, as contradições não desaparecem, elas apenas são modificadas, pois o aumento da quantidade de pessoas que jogam o Basquete de Rua não significa qualidade nas ações e superação das mazelas encontradas anteriormente, o que ocorre são novas condições a serem negadas e superadas. Um bom exemplo é o grande número de jogadores de *streetball* contratados para jogar na Liga Americana, a NBA, realizando jogadas que aprenderam na rua, então, “é na realidade presente que se abre a possibilidade das negações presentes”. (idem, p.29). Dessa forma, quando vemos a superação de uma negação anterior, surgem novas características e, conseqüentemente, outras negações a serem superadas.

Então, contraditoriamente o basquete tradicional “bebe” na cultura de rua que, por sua vez, nasce e se reinventa na contradição do cotidiano, ou seja, busca novas características que o Basquete de Rua traz em seu processo reivindicatório, na cultura da juventude, com o objetivo de colocar à disposição do capital o mais belo e significativo do jogo – a criatividade.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Basquete de Rua, enquanto jogo, é considerado uma atividade voluntária, não séria e situado numa categoria não material, o que não quer dizer que o jogo não seja sério. No entanto, o jogo é belo, possui uma beleza própria, característica da atividade, porque, ao colocar o corpo em movimento com sua complexidade, demonstra a sua graça, a sua beleza.

A vivacidade e a graça estão originalmente ligadas às formas mais primitivas do jogo. É neste que a beleza do corpo humano em movimento atinge seu apogeu. Em suas formas mais complexas o jogo está saturado de ritmo e de harmonias, que são os mais nobres dons de percepção estética de que homem dispõe. São muitos, e bem íntimos, os laços que unem o jogo e a beleza. (Huizinga, 2008, p. 9 e 10).

Vale salientar que, a saturação que o autor coloca diz respeito a múltiplas determinações que o jogo possui e não a impregnação, ao mesmo tempo em que remete, a “os mais nobres dons”, o qual entendemos que o jogo é oriundo das relações sociais e não brota do chão. Nessas mesmas relações, o jogo foi se desenvolvendo pelos seres humanos até chegar num modelo de manifestação da cultura corporal que hoje chamamos de esporte.

Contudo, entendemos que o Basquete de Rua como prática corporal, elemento da cultura corporal, tendo seus pilares no jogo, na cultura e no corpo, caracterizando-se como jogo cultural do corpo, proporciona um grande universo de estudo e reflexão nas relações das manifestações culturais, do esporte, do lazer, da ciência social, da etnia, das ações afirmativas e da educação. Para que se evidencie nossa afirmação, vale esclarecer nosso entendimento sobre os pilares: i) o jogo como um elemento de construção e reinvenção de práticas corporais que surgem e se reinventam na sociedade, num movimento de ir e vir nas relações sociais; ii) a cultura com seus signos e significados que, na prática social se efetiva como elemento reivindicatório, de contestação e consentimento; e, por fim, iii) o corpo, este do qual estamos falando não é o corpo biológico, por entendermos como reprodutor da sua evolução genética. Portanto, prendemos nossa análise no corpo social, visto que este possui sua evolução e desenvolvimento na história social, ou seja, na objetividade da ação humana que está diretamente ligada à ação social e histórica.

Considerando Basquete de Rua enquanto uma atividade que transforma outra atividade com um determinado fim, até isto ocorrer, isto é, para que aconteça este ato, necessariamente, foi preciso uma apropriação da objetivação existente no basquete tradicional. Dizemos isso

por entender que as necessidades humanas são dadas além das necessidades biológicas, ou seja, como características do gênero humano estas necessidades são histórico sociais, exemplo, o homem com a necessidade de colocar frutos na cesta em determinada distância, lançava-os, dominando este mecanismo, isto é, se apropriando desta objetivação. Em seguida, esta mesma atividade sofreu alterações passando para outro processo de apropriação e objetivação com a necessidade de se divertir, ocupar o tempo livre, etc. Constitui-se um jogo que, posteriormente, por conta de outras necessidades, esse jogo transformou-se em esporte, o qual nós conhecemos hoje. Logo, o processo de apropriação da objetivação já existente conduz a outras elaborações no processo histórico social. Assim, o Basquete de Rua transforma e se transforma em categoria do gênero humano no contexto das relações sociais. Por isso que compreendemos a cultura como um processo que é também transmitido de geração a geração.

Dessa forma, se a cultura é constituída no processo de transmissão dos conhecimentos entre as gerações, ou seja, a apropriação das atividades das gerações passadas para se constituir em novas objetivações, superando-se, nos remete ao entendimento que a cultura é uma especificidade do gênero humano e não da espécie humana, pois a espécie humana se caracteriza pela herança biológica, isto é, pela hereditariedade, enquanto o gênero humano se caracteriza pelo processo histórico social que a humanidade acumula e desenvolve, pois,

A herança genética transmite as características da espécie, na medida em que essas características encontram-se materializadas no organismo humano, da mesma forma como qualquer espécie animal. Todos os seres humanos (salvo nos casos de anomalias genéticas) possuem características fundamentais da espécie. O mesmo, porém, não acontece com as características fundamentais do gênero humano, na medida em que elas não estão acumuladas no organismo e não são transmitidas pela herança genética. Se a espécie humana tem uma existência objetiva, com características que se materializam no organismo, seria então o gênero humano uma abstração sem existência real? Não, o gênero humano tem uma existência objetiva, justamente nas objetivações produzidas pela atividade social. A atividade do gênero humano é diferente da objetividade da espécie humana e a diferença reside justamente no fato de que o gênero humano possui uma objetividade social e histórica. (Duarte, 1999, p. 103).

Portanto, os praticantes do Basquete de Rua e mesmo aqueles que assistem essa manifestação, ou se aproximam de alguma forma, estão desenvolvendo o processo de apropriação e objetivação, logo, educando-se nas relações sociais entre os sujeitos. Exemplo disso, é uma das nossas investigações na quadra do Jardim dos Namorados, em que uma das pessoas que estavam escutando a nossa conversa com um dos praticantes do Basquete de Rua,

perguntou: Não consigo entender quando é falta e quando não é, o que caracteriza a falta? A explicação foi bastante interessante pois o praticante explicou de uma forma bem simples como acontece a falta no basquete tradicional e no Basquete de Rua. Assim explicou:

Quando você faz a falta, assim, você é o cara que está com o poder da bola, você vai realizar uma bandeja ou um arremesso, o adversário ao tentar evitar essa cesta, tem o contato com o seu corpo, abaixo do ombro dele é considerado como falta, no tradicional, mas esse movimento abaixo do ombro, na rua não é considerado como falta, a não ser que ao realizar esse movimento, você impeça totalmente o jogador de realizar o arremesso ou a bandeja que o destino é o ataque, o que é que acontece, é essa é a diferença, se você tocar levemente e não mover ele, vale, na rua vale. O contato físico na hora do arremesso é considerado como falta, mas na rua não. Na rua é mais “agressivo”, não é bem agressivo, é mais livre, a agressividade não é agressão física é o maior contato durante o jogo, é permitido.

Depois dessa explicação, percebemos que as pessoas que estavam ao redor entenderam mais como se desenvolve o Basquete de Rua, em relação ao basquete tradicional, passaram a entender porque o contato no Basquete de Rua é tão evidente e constante. Portanto, constatamos de maneira efetiva no real que o aprendizado se caracteriza nas relações sociais.

Retomando o eixo central o tripé exposto anteriormente, podemos avançar no raciocínio sobre o Basquete de Rua como o jogo cultural do corpo, já que, vivenciar as práticas esportivas e culturais é essencial para ajudar a construir o conhecimento e ampliar as possibilidades de propagar para outras gerações o movimento esportivo cultural, na esteira do processo de emancipação humana, apesar da constatação que o Basquete de Rua em Salvador ainda não alcançou esse patamar de compreensão da realidade apesar das condições favoráveis para o entendimento. Mais uma vez, alertamos que o Basquete de Rua não é e não



Foto 4 – A diversidade de gênero no jogo

será um modelo de resistência urbana capaz de formatar uma ideologia de resolução dos problemas sociais. Apenas estamos apontando que é, sim, uma possibilidade real de construir redes de discussões sobre questões sociais, políticas públicas, de lazer, gênero, etnia, entre outras.

O Basquete de Rua nos traz

elementos para reflexão do ponto de vista do coletivo, pois o que está posto em Salvador é uma integração entre as tribos que praticam esta atividade, (Foto 4), é uma busca pela socialização desta prática cultural com um aspecto contra hegemônico, apesar de não estar evidente em sua totalidade.

A foto nos mostra que o jogo ocorre de forma harmoniosa entre homens e mulheres, mesmo com o sexo feminino quantitativamente menor. Embora não seja o nosso objeto de estudo desta pesquisa, a questão de gênero.

O esporte tem um caráter social importante para a construção de uma sociedade para além do capital, mais humana e não excludente, pois vale salientar “que o trabalho criou o homem e criou também a sua consciência”. (Engels apud Goellner, 1992, p. 288), assim como, “não é o esporte que faz o homem e sim o homem que faz o esporte, interferindo na sua estrutura, determinando como, onde, com quem, quando, com que regras e condições” (Coletivo de Autores, 1992, p. 56), ele é realizado podendo incluir muitas ações lúdicas e espontâneas para produzir indivíduos críticos a fim de refletir sobre este conteúdo no currículo escolar de uma sociedade capitalista, organizando os procedimentos didático-pedagógicos. “Se aceitamos o esporte como fenômeno social, tema da cultura corporal, precisamos questionar suas normas, suas condições de adaptação ‘a realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria’”. (ibidem, p. 71). Assim, o Basquete de Rua como prática corporal, proporciona um grande universo de estudo e reflexão nas relações das manifestações culturais, do esporte, do lazer, da ciência social, da etnia, das ações afirmativas e da educação na trajetória em busca da emancipação humana.

O Basquete de Rua juntamente com o movimento *Hip Hop*, vem construindo um modo de reivindicar as questões culturais e sociais buscando se inserir nos movimentos de resistência urbana. Seguindo esta trajetória vem se consolidando como um elemento do esporte que se insere no movimento *Hip Hop* que, com encontros e atividades de lazer nos grandes centros urbanos, tentam edificar a busca pela emancipação ao mesmo tempo em que o conceito de cidadania é colocado em discussão, visto que os bens culturais produzidos pela humanidade não são disponíveis a todos.

A cidadania como uma forma de obtermos direitos e deveres, é o que a sociedade atual em tempos de globalização¹⁷ afirma para o povo, mesmo quando este conceito remete a um critério de avaliação na construção de uma nova sociedade. Nesse sentido, se faz necessário

¹⁷ Este Artigo corresponde ao Capítulo I, tese de doutorado, Profº Lino Castelanni — defendida junto ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp sob o título A Educação Física no Sistema Educacional Brasileiro: Percurso, paradoxos e perspectivas — acrescida de um pós-escrito.

aprofundar o debate a fim de que possamos alcançar novos horizontes e encontrarmos subsídios para a superação do conceito de cidadania que a sociedade atual impõe, - pois o conceito liberal de cidadania é: o direito natural, a liberdade de pensamento e religião e a igualdade perante a lei (Ferreira, 1993, p. 31), dividido em três esferas: 1) a esfera política; 2) a esfera econômica e 3) a esfera privada. Em todas elas o conceito de emancipação humana é silenciado.

Procurando o caminho a fim de encontrar as possibilidades de emancipação humana, vimos com TONET, (2005) que o trabalho é o fundamento ontológico da liberdade. Logo, essencial na construção da emancipação assim como constitui a matriz de uma determinada forma de sociabilidade. Contudo, esta sociabilidade na atualidade, se caracteriza pelo indivíduo privado, proprietário privado que necessariamente precisa estar relacionado ao jurídico-político da liberdade. Logo, na configuração atual de sociedade, a capitalista, a emancipação humana, como em qualquer outra forma societária, só será possível quando as relações sociais forem determinantes no processo histórico, ou seja, a sociedade, como resultado da sua própria história. Dessa forma, sem a superação da mercadoria, do capital e do Estado a emancipação encontrará grandes dificuldades, pois, o trabalho como ser fundante, necessariamente deverá satisfazer as necessidades humanas, isto é, num processo de produção, distribuição e consumo com o domínio consciente e coletivo de quem produz. Portanto, como esse processo não está delineado dessa forma no capitalismo, continuaremos nos relacionando com o processo de produção com uma distribuição da mercadoria de maneira desigual e para o consumo daqueles que podem ou conseguem pagar o valor atribuído a ela, o que na maioria das vezes não corresponde ao que a grande massa dos trabalhadores tem no bolso, fruto do seu trabalho, mesmo com o cumprimento de normas e regras criadas pelo Estado com a caricatura de proteger o trabalhador.

Portanto, com o modo de produzir a vida atualmente, consideramos que o Estado também se configura como uma forma de institucionalizar o que é reclamado e defendido pela sociedade civil, não esquecendo que a sociedade deve caminhar lado a lado com o Estado, principalmente com a função de fiscalizar. (Braga Duarte; Taffarel; Silva, 2009.)

Na sociedade atual o trabalho tem se configurado multifacetado, visto que além de ser aproveitado para explorar a classe trabalhadora pobre, é complacente com a elite. Na educação é evidente essa exploração quando o Estado impõe dificuldade em diversos sentidos da caminhada da classe trabalhadora em busca de condições dignas de trabalho e de sobrevivência. Ao mesmo tempo em que as manifestações são reprimidas por ações jurídicas.

O Estado desde o século passado vem se configurando como elemento de consolidação da educação para o interesse de apenas uma determinada classe, pois a política social que se apresenta não direciona para a superação do capitalismo, “a função básica do Estado nas sociedades capitalistas, portanto, é garantir a reprodução do capital”. (Bracht, 2005, p. 71). Assim, entendemos que, quando a regulação através de normas e regras que são colocadas em manifestações culturais reformuladas na rua são implantadas, e a sociedade é posta distante das discussões no sentido de ocultar o grito das massas, nada mais é que uma tentativa de institucionalizar práticas culturais.

Assim, esta institucionalização ao nosso entendimento enfraquece o caráter reivindicatório das manifestações culturais que as trazem como característica. Todavia, a criatividade continua fortalecida por ter relação com a lógica capitalista em várias instâncias, como a mídia, o *marketing*, as competições, entre outras.

Concluimos dizendo que o debate, que está apenas em seu início, abre outras possibilidades de trato com o conhecimento do esporte no seio da sociedade, em particular a soteropolitana que está carregada de contradições culturais, econômicas e sociais.

Por fim, o Basquete de Rua, como o jogo cultural do corpo, pode contribuir e muito para este debate, principalmente pelo viés social, onde os aparatos governamentais e ou privados possibilitam novas condições de crescimento, criticando e até mesmo concordando com algumas posições, desde que estejam contribuindo para o crescimento sócio cultural da classe trabalhadora pobre, residente em sua maioria na periferia das grandes cidades.

O desenvolvimento da cultura na contemporaneidade deve se processar nessa



Foto – 5 - Equipe CBX sendo premiada

perspectiva, pois, revisitar as matrizes culturais proporciona a busca por alternativas para uma dimensão ampliada desse conceito tão complexo isto é, o movimento dialético nos transporta para uma dimensão onde negamos em busca da superação. Isso nada mais é que a superação

da negação anterior no processo de compreensão do conceito e entendimento do objeto, já que o Estado possui ferramentas poderosas para interferir no processo cultural, com mapeamentos

e levantamentos sócio-culturais que, em sua ampla maioria utiliza em prol da ideologia do capital, com projetos de institucionalização da manifestação ou do fenômeno, ou seja, criando concursos e programas através de leis e normas. Todavia, existem intervenções várias, realizadas pelo estado, a exemplo do prêmio Preto Ghóez, realizado pelo MinC (Ministério da Cultura), o qual analisamos no capítulo 3, que contribuem e ajudam na reflexão sobre os fenômenos culturais e esportivos. Exclusivamente para ilustrar o comentário, temos os jogos da periferia com o patrocínio do Ministério dos Esportes e de outras multinacionais. (Foto 5).

Nos jogos da periferia o Basquete de Rua esteve presente, as tribos sempre reunidas e mais uma vez o grupo CBX foi destaque com suas jogadas malabarísticas e as enterradas fantásticas proporcionando divertimento e alegria para todos que participavam, tanto jogando quanto assistindo.

Portanto, concluímos que as possibilidades de superação do esporte institucionalizado se constituem nos grupos e movimentos de rua, pois os sujeitos que participam, inventam e reinventam as atividades, são os principais interessados no movimento de inclusão social, principalmente na periferia de Salvador de maioria negra, pobre e que vivem em situação socialmente degradada.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Capoeira Angola: Cultura popular e o jogo dos saberes na roda. Campinas/Salvador. Editora Centro Memória Unicamp/Edufba. 2005.

_____ Cultura popular e educação: um estudo sobre a Capoeira Angola. R. Faced, Salvador, n.11, p.201-214, jan/jun. 2007.

ASSIS DE OLIVEIRA, Sávio. Conclusão. Morte súbita ou prorrogação? In: A reinvenção do esporte: possibilidades da pratica pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2001.

ARANTES, Antonio Augusto. O que é cultura popular / Antonio Augusto Arantes – São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos; 36)

AZEVEDO, José Clovis de – Reconversão cultural da escola: mercoescola e escola cidadã – Porto Alegre: Sulina, Editora Universitária Metodista, 2007.

BHABHA, Homi K. – O local da cultura - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOGO, Ademar – Identidade e luta de classes. 1. Ed. – São Paulo : Expressão Popular, 2008.

BRACHT, Valter – Sociologia crítica do esporte: uma introdução. Ed. Unijuí, 2005. (Coleção educação física).

BRAGA DUARTE, Ruy J.; Silva, Wellington; Taffarel, Celi N. Z. – Emancipação Humana, Trabalho Pedagógico e Esporte. p. 87 – 94. – Trabalho pedagógico em formação de professores/militantes culturais: Construindo políticas publicas para a Educação Física, Esporte e Lazer/ organizadores Carlos Roberto **Colavolpe**; Celi Nelza Z. **Taffarel**; Claudio de Lira S. **Júnior** – Salvador: EDUFBA, 2009.

CAPES - <http://www.capes.gov.br/>

CERTEAU, Michel de – A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer / Michel de Certeau; tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ : Vozes, 1994.

CHAUÍ, Marilena – O que é Ideologia – São Paulo: Brasiliense, 2008. – (Coleção primeiros passos; 13).

CHEPTULIN, A. Leis e categorias da Dialética materialista. São Paulo: Alfa Omega, 2004.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino da educação física. São Paulo, SP: Cortez, 1992.

CUFA, www.cufa.org.br

CURY, Carlos Roberto Jamil – Educação e Contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo – 6 ed. – São Paulo : Cortez, 1995.

DUARTE, Newton – Sociedade do Conhecimento ou Sociedade das Ilusões?: quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação – Campinas, SP, Autores Associados, 2003. – (Coleção polêmicas do nosso tempo, 86).

_____ - A individualidade para si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo – 2. Ed. – Campinas, SP : Autores Associados, 1999. – (Coleção Contemporânea)

EAGLETON, Terry – A idéia de cultura, São Paulo, editora: UNESP, 2005.

FERREIRA, Nilda Teves – Cidadania: uma questão para a educação. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FILHO, José Lindolfo – Hip Hopper: tribos urbanas, metrópoles e Controle Social. p. 127 – 150. **Pais**, José Machado e **Blass**, Leila Maria da Silva, Org. – Tribos Urbanas: produção artística e identidades – São Paulo: Annablume, 2004.

FREIRE, Paulo – Pedagogia da Autonomia: saberes necessárias à prática educativa – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

FREITAS, Ricardo Ferreiea; **HELAL**, Ronaldo e **PIZZI**, Fernanda. Indústria Cultural. In: **GOMES**, Christianne Luce (org.). *Dicionário Crítico do Lazer*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004, pp. 112-116.

FRIGOTTO, Gaudêncio – O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. p. 71 – 90. **Fazenda** Ivani, Org. – Metodologia da pesquisa educacional – 5 ed. – São Paulo : Cortez, 1999 (Biblioteca de Educação, Série I, Escola; v. 11).

GITAHY, Celso – O que é graffiti – São Paulo : Brasiliense, 1999.

GOHN, Maria da Gloria – Educação não – formal e cultura política: Impactos sobre o associativismo de terceiro setor – 4ª Ed – São Paulo, Cortez, 2008. – (Coleção Questões da Nossa Época: v. 71).

HALL, Stuart – A identidade Cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaraceira Lopes Louro – 10. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HUIZINGA, Johan, 1872-1945. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo : Perspectiva, 2008.

KLEIN, Lúgia Regina. O manual didático: contexto histórico de emergência e implicações na organização da escola moderna. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1., 2000, Rio de Janeiro. Educação no Brasil: história e historiografia. **Anais...** Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2000.

KOSIK, Karel – Dialética do concreto; tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio, 2.ed, Rio de Janeiro Paz e Terra, 1976.

LARAIA, Roque de Barros – Cultura: um conceito antropológico – 22ª Ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008

LIGA URBANA DE BASQUETE - Disponível em <http://www.lub.org.br/> acesso em 12-10-09, às 14:10

LESSA, Sérgio e Tonet, Ivo – Introdução à Filosofia de Marx – 1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MAFESOLI, Michel – O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MARX, Karl – O Capital: Crítica da economia política – 2. Ed. – São Paulo : Nova Cultural, 1985.

MASCARENHAS, Fernando. “Lazerania” também é conquista: tendências e desafios na era do mercado. *Movimento/UFRGS*, Porto Alegre, v.10, n.2, p.73-90, maio/ago. 2004.

Ministério dos esportes – Governo federal - <http://www.esporte.gov.br/> ; <http://portal.esporte.gov.br/snee/segundotempo/principios.jsp>

MUNANGA, Kabengele – Negritude : usos e sentidos – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009 – Coleção Cultura Negra e Identidades)

OLIVEIRA, Ana Paula Conceição - Monografia de graduação em Pedagogia - Movimento hip hop: educação em quatro elementos. 2007. Disponível em http://www.grupomel.ufba.br/textos/download/monografias/movimento_hip_hop_educacao_e_m_quatro_elementos.pdf , Acesso em 10.02.10 às 22:15 min.

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional – São Paulo : Brasiliense, 2006.

PAIS, José Machado, Org.; **Blass**, Leila Maria da Silva, Org. – Tribos urbanas: produção artística e identidades – São Paulo: Annablume, 2004.

PARIS, Carlos – O animal Cultural: biologia e cultura na realidade humana. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

PELLEGRIN, Ana De – Equipamentos de Lazer. In: Dicionário crítico do lazer / organizado por Christianne Luce Gomes. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PISTRAK, M.M. – Fundamentos da Escola do Trabalho. 1ª edição. São Paulo - Expressão Popular. 2000.

POUTIGNAT, Philippe – Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth / Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fernat; tradução do Elcio Fernandes. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

RIBEIRO, Darcy, 1922-1997. O Povo Brasileiro : a formação e o sentido do Brasil – São Paulo : Companhia das Letras, 2006.

RICHARD, Big – HIP HOP: Consciência e Atitude, São Paulo: LivroPonto, 2005.

SANTOS, José Luiz dos, 1949- o que é cultura. São Paulo : Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos; 110)

SAVIANI, Dermeval – Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações – 10. ed. rev. – Campinas, SP: Autores Associados, 2008. – (Coleção educação contemporânea)

_____, A pedagogia do Brasil: história e teoria – Campinas, SP: Autores Associados, 2008. – (Coleção memória da educação)

SENADO – Constituição da República Federativa do Brasil – Disponível em: http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/CON1988.htm acesso em 04/06/10, às 19:45 min.

TONET, Ivo – Educação, cidadania e emancipação humana – Ed. Unijuí, 2005.

TRIVIÑOS, Augusto – Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. – 1. ed. – 18 reimpr.- São Paulo : Atlas, 2009.

TUBINO, Manoel J. Gomes – Dimensões sociais do esporte – 2. ed. Revista – São Paulo – Cortez, 2001.